



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JULIANA LIMA DE CARVALHO MADEIRA

**A ESCOLINHA DE FUTEBOL GRÊMIO MARANHENSE E A REPRODUÇÃO DAS
DESIGUALDADES SOCIAIS EM SÃO LUÍS – MA**

São Luís – MA
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

MADEIRA, JULIANA LIMA DE CARVALHO.

A ESCOLINHA DE FUTEBOL GRÊMIO MARANHENSE E A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS EM SÃO LUÍS - MA / JULIANA LIMA DE CARVALHO MADEIRA. - 2023.

70 f.

Orientador(a): ANTONIO PAULINO DE SOUSA.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS - MA, 2023.

1. Desigualdades Sociais. 2. Formação de Jogadores.
3. Futebol no Maranhão. 4. Grêmio Maranhense. 5.
Reprodução Social. I. DE SOUSA, ANTONIO PAULINO. II.
Título.

JULIANA LIMA DE CARVALHO MADEIRA

**A ESCOLINHA DE FUTEBOL GRÊMIO MARANHENSE E A REPRODUÇÃO DAS
DESIGUALDADES SOCIAIS EM SÃO LUÍS – MA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.º Dr. Antonio Paulino de Sousa.

São Luís – MA
2023

JULIANA LIMA DE CARVALHO MADEIRA

**A ESCOLINHA DE FUTEBOL GRÊMIO MARANHENSE E A REPRODUÇÃO DAS
DESIGUALDADES SOCIAIS EM SÃO LUÍS – MA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de mestre em Ciências Sociais do
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Maranhão.

Linha de Pesquisa: RELAÇÕES DE PODER: elites,
participação política e Políticas Públicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Paulino de Sousa (Orientador)
Doutor em Sciences Sociales et Économiques
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Elisa Maria dos Anjos
Doutora em Memória Social
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Gamaliel da Silva Carneiro
Doutor em Sociologia
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra Kátia Cilene Ferreira França (Suplente)
Doutora em Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais, minha irmã, à escolinha Grêmio e às famílias e jogadores que permitiram a existência deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Dona Eliene e Seu Luís Sérgio e minha irmã, Luciene Carvalho, pelo apoio incondicional e o incentivo que eu nunca conseguirei descrever em forma de gratidão.

À FAPEMA, pelo investimento, que me ajudou financeiramente para que eu me dedicasse somente a avançar cada vez mais com essa pesquisa e demais cursos que pude pagar devido à bolsa.

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSOC), seu secretário Willame e todo seu corpo docente, em especial ao Orientador, o flamenguista Antonio Paulino de Sousa, que, em meados de 2018/2019, acreditou no meu interesse em pesquisar Sociologia do futebol quando, por ser uma área quase que experimental aqui na nossa cidade, São Luís, nem eu mesma acreditava; e, também, à colorada professora Martina Arleth pelo conhecimento compartilhado.

Aos meus sempre orientadores, que desde a graduação têm me ajudado: o vascaíno Juarez Lopes, obrigada pelas indicações de leitura, pelos presentes em forma de livros e apoio incondicional, e ao companheiro de torcida de time, Leandro Costa, palmeirense, que foi meu braço direito na elaboração do projeto que foi aprovado pelo PPGCSOC em 2020.

Aos colegas de Mestrado, que se tornaram amigos. Em especial, José Segundo, Nicole, Julyana Ketlen, Ricardo, Rodrigo e Valquíria, que se tornaram apoio fundamental durante o árduo processo de escrita. E aos colegas de doutorado: Andréa Joana (que me acolhe desde a UEMA), Glaucia Fernanda e Julio, pela amizade. Nossas trocas, principalmente por termos vivido essa Pós em Era pandêmica, foram e têm sido o que mais me fortaleceu quando achava que não aguentava mais essa vida intelectual.

À escolinha Grêmio Maranhense, que abriu as portas para que minha pesquisa pudesse ser concretizada. Em especial ao treinador e empresário responsável por essa escolinha e aos professores que acolheram minha chegada lá e me ajudaram com informações sobre o futebol e a escolinha.

Aos jogadores e pais de jogadores que aceitaram trocar ideias comigo, que transformaram este trabalho em algo real.

Ao professor “Pimpolho”, que, desde novembro de 2021, quando nos conhecemos via aplicativo *Zoom*, se propôs a me ajudar com o que pudesse sobre o conhecimento acerca do futebol.

Por último, mas não menos especiais, aos amigos que a Universidade Estadual do Maranhão (fazendinha) me deu e que permaneceram na vida: Anna Karina da Silva Prazeres,

Ana Caroline Mendonça Castro, Aérica Souza, Suzenny Dutra, Emanuelle Nascimento, Camila Maia, Maria Fernanda, Luciana Freitas, Mayara Oliveira, Rômulo Leonardo Leal, Magno Cruz (obrigada pelos conselhos e pela força que sempre me concedes sempre que grito por ajuda). E em especial a Hisaac Braga, o flamenguista companheiro de conversas sobre futebol que sempre estão a inspirar meus trabalhos atuais e futuros, principalmente quando comecei a investir no tema deste esporte. Obrigada pela troca, pela companhia nas minhas idas à escolinha, por ser meu segundo olhar nos artigos, resenhas e neste trabalho, pelas dicas metodológicas de como eu poderia usar melhor do meu campo de pesquisa e, principalmente, à nossa amizade.

“Eu só quero é ver o gol na copa do ano que vem. Eu não entendo a fome aí. O Brasil cresce à custa de quem?” (Antídotos Sociológicos).

RESUMO

O referido trabalho buscou analisar as trajetórias e estratégias de reprodução e desigualdade social de jogadores a partir de estudos de casos sobre famílias inseridas na escolinha de futebol Grêmio Maranhense, localizada no bairro da Chácara Brasil, em São Luís – MA. O desenvolvimento se deu através de entrevistas com os agentes (tanto jogadores, como familiares e técnicos da escolinha). Assim, foi possível fazer uma análise sobre os espaços escolares – em que tipo de escola estudam e qual a relação desse meio social com esses jovens, a fim de entender sobre suas interações, lugares sociais e tensões, construindo o perfil social desses agentes, como sugerem Beaud e Weber (2014). A partir de conversas com os técnicos da escolinha e com alguns jogadores e pais desses jovens, foi possível descobrir naquele espaço social a existência de vários perfis sociais, que vão desde jogadores bolsistas até filhos de: empresários, médica, farmacêutico, professora ou soldado aposentado. Por mais diferentes que sejam esses meios sociais, há algo em comum – o investimento no esporte, seja por motivações como: saúde, educação social, socialização e/ou porque se apoia o sonho do filho. O uso de uma etnografia do espaço social e simbólico de onde as famílias estão inseridas também foi uma das partes essenciais para se chegar à análise dos espaços urbanos e dos agentes inseridos nessa escolinha de futebol em específico.

Palavras-chave: Grêmio Maranhense. Formação de Jogadores. Futebol no Maranhão. Reprodução Social. Desigualdades Sociais.

ABSTRACT

This work sought to analyze the trajectories and strategies of reproduction and social inequality of players from case studies on families inserted in the soccer school Grêmio Maranhense, located in the neighborhood of Chácara Brasil, in São Luís - MA. The development took place through interviews with the agents (both players, family members and coaches of the school). Thus, it was possible to carry out an analysis of the school spaces – in which type of school they study and what is the relationship between this social environment and these young people, in order to understand their interactions, social places and tensions, building the social profile of these agents, as suggested by Beaud and Weber (2014). From conversations with the coaches of the school and with some players and parents of these young people, it was possible to discover in that social space the existence of several social profiles, ranging from scholarship players to children of: businessmen, doctors, pharmacists, teachers, retired soldiers. As different as these social media may be, there is something in common – investment in sport, whether for reasons such as: health, social education, socialization and/or because you support your child's dream. The use of an ethnography of the social and symbolic space where the families are inserted was also one of the essential parts to arrive at the analysis of the urban spaces and the agents inserted in this specific soccer school.

Keywords: Maranhense Guild. Player Training. Football in Maranhão. Social Reproduction. Social differences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO DO PERFIL SOCIAL DAS FAMÍLIAS E DOS JOGADORES	53
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

FA – Foot-Ball Association

FMF – Federação Maranhense de Futebol

GFPA – Grêmio Foot-Ball Porto Alegre

IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

PROUNI – Programa Universidade Para Todos

UEFA – União das Federações Europeias de Futebol

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 2 – POR UMA HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL COMO ESPORTE MODERNO	20
2.1 O início das práticas futebolísticas e a regulamentação do futebol.....	20
2.2 A chegada do futebol no Brasil.....	29
2.2.1 O primeiro clube de futebol do Brasil.....	31
2.3 O papel social do esporte e das escolinhas de futebol	32
CAPÍTULO 3 – A CHEGADA DO FUTEBOL NO MARANHÃO E A HISTÓRIA DO GRÊMIO MARANHENSE COMO ESCOLINHA DE FORMAÇÃO DE JOGADORES	36
3.1. O futebol no Maranhão	36
3.1.1 Escolinhas de Futebol no Maranhão	39
3.2 um breve contexto histórico sobre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (GFPA).40	
3.2.1 As cores e os slogans do Clube	40
3.3 Conhecendo a escolinha Grêmio Maranhense	43
3.4 Sobre os técnicos	46
3.4.1 A formação de jogadores de futebol na escolinha “Grêmio Maranhense”	47
CAPÍTULO 4 – ORIGEM SOCIAL E TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASOS SOBRE OS JOGADORES DO GRÊMIO MARANHENSE E SUAS FAMÍLIAS	53
4.1. Conhecendo as famílias e os jogadores	53
4.1.1 Caso: pai farmacêutico	57
4.1.2. Caso do jogador Fred	58
4.1.3 As famílias de baixa renda – O caso de um jogador bolsista.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A sociologia do esporte é um âmbito recente e que ainda precisa conquistar seu espaço, pois estudar essa área ainda é tido como papel da Educação Física (FERREIRA; MARCHI JUNIOR, 2011). O esporte é um fenômeno presente na sociedade, seja na mídia de massa, publicidade, sob os gastos do dinheiro público ou privado, na política, economia, comércio e na vida trabalhista de algumas pessoas. Assim, ele reflete na realidade e pode ser percebido nas relações sociais bem como um meio de distinção de classes sociais (DUNNING 1990 apud FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2011; BOURDIEU, 1990).

Alguns dos primeiros escritos que fazem uma reflexão sobre as práticas esportivas são publicados na Grã-Bretanha, na transição do século XVIII para o XIX. Esses trabalhos foram produzidos fora do ambiente acadêmico e ainda assim se tornaram fontes relevantes de pesquisa para estudiosos do século XX. Dentre essa literatura estão: “o de Peter Beckford sobre caça à raposa, em 1796, o de Pierce Egan sobre pugilato, em 1812, e aproximadamente 70 anos mais tarde, os trabalhos de Montagu Shearman sobre a história e desenvolvimento do futebol, rúgbi e atletismo, publicados em 1887 e 1889” (DUNNING, 2004 apud SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010).

Especificamente no campo das Ciências Sociais, o sociólogo estadunidense Thorstein Veblen publicou a obra *A teoria da classe ociosa*, no ano de 1899, em que faz uma análise de como o esporte é um meio de distinção, pois as classes mais favorecidas que o praticam não precisam dividir seu tempo entre esporte e trabalho (VEBLEN, 1965 apud SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010).

Em 1902, em um capítulo intitulado “As técnicas do corpo”, na obra *Sociologia e Antropologia*, Marcel Mauss descreve como a sociedade utiliza seu corpo, utilizando técnicas de movimento como: pular, correr, nadar, dançar e exercícios de força. E em 1904, Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, problematiza como o puritanismo inglês se opunha às práticas esportivas-recreativas naquela sociedade (WEBER, 2003; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010).

É importante ressaltar que, na época, essas obras citadas corroboraram para um início de interesse sobre o esporte dentro do campo da Sociologia, mas que ainda não se institucionalizava como uma Sociologia do Esporte, uma vez que a própria Sociologia passava por um momento de luta pela sua própria institucionalização enquanto disciplina acadêmica. No entanto, foi a partir de 1960 que essas contribuições serviram para instituir “um estágio pré-histórico” de como esses estudos iriam se consolidar no campo sociológico (SOUZA,

MARCHI JÚNIOR, 2010).

Dois britânicos renomados na Sociologia, Antony Giddens e Eric Dunning, em 1961, escreveram suas dissertações sobre o futebol na sociedade inglesa.

Giddens defendeu sua dissertação de Mestrado na *London School of Economics*, abordando tópicos relacionados ao esporte na sociedade inglesa contemporânea (GIDDENS, 1961). Eric Dunning, sob a orientação de um até então desconhecido sociólogo alemão chamado Norbert Elias, defendeu, na Universidade de Leicester, sua dissertação de Mestrado sobre o desenvolvimento do futebol, tendo como referencial de análise a teoria do processo de civilização e a abordagem configuracional formulada por seu orientador (GIDDENS, 1961; DUNNING, 1961 *apud* SOUZA; MARCHI JÚNIOR, p. 49, 2010).

Depois de seu trabalho dissertativo, Giddens não voltou a pesquisar tal tema, ao invés de Dunning, que se consolidou como um dos que mais produziu trabalhos dentro das Sociologias de Esporte e Lazer, incluindo *A busca da excitação*, obra escrita com seu orientador Norbert Elias, em que geram uma Socio-Gênese sobre o esporte na Inglaterra e sua expansão pelo mundo.

Na França, entre as décadas de 1970 e 1980, Pierre Bourdieu foi um dos que escreveu sobre o esporte em: “Como é possível ser esportivo?” (1983) presente no livro *Questões de Sociologia, Programa para uma Sociologia do Esporte* (1990) – “Coisas Ditas” e na obra *A distinção* (1979), em que analisa como o esporte está inserido em meio às dinâmicas sociais, levando em consideração as origens culturais e sociais de quem o pratica (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017).

Ainda, nos anos 1980 e 1990, outros cantos do mundo começaram a dar continuidade aos estudos da Sociologia do Esporte iniciados no campo das Ciências Sociais dos séculos XIX e XX. Até pouco tempo, a América Latina era a região com menos produções sobre o tema, sendo o Brasil uma das que mais produz, principalmente na área da Educação Física, mas que também tem crescido no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, como História, Antropologia e Sociologia, talvez pela popularidade das práticas esportivas no país (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010; FERREIRA; MARCHI JUNIOR, 2011).

É importante analisar, também, “qual posição o esporte ocupa na hierarquia de temas de pesquisa na Sociologia” (FERREIRA, MARCHI JUNIOR, 2011, p. 6), dado que:

Esse cenário contribuiu para que os agentes envolvidos com a Sociologia do Esporte sentissem a necessidade de criar meios para estabelecer estratégias de legitimação, consagração e visibilidade de seus trabalhos e de constituição de autoridade e reconhecimento acadêmico para os agentes envolvidos, o que acabou se convertendo em um espaço de concorrência próprio. Isso não ocorreu de maneira consciente por parte dos pesquisadores, mas como uma forma de se atender às

demandas e se estabelecer no campo científico através da criação de associações, grupos de estudos, espaços ligados a instituições de ensino superior, periódicos. Tais fatores permitiram o intercâmbio de informações e estudos conjuntos, contribuindo para a consolidação do *locus* da Sociologia do Esporte.

O tema tem aparecido mais em eventos acadêmicos brasileiros como: a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e com grupos de trabalho envolvendo o tema Esporte. Isso reforça o que Mauricio Murad (1995) escreveu no artigo: “O lugar teórico da sociologia do futebol”, que, em síntese, explica que o esporte, em especial o futebol, tem ganhado maior notoriedade e valor dentro dos estudos das ciências sociais após a segunda metade do século XX, devido aos meios de problematização, investigação e produção do conhecimento científico, principalmente tendo como exemplos os países que melhor exploraram a prática desse esporte, como os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha, o Japão e, mais tarde, o Brasil.

Este trabalho se insere nos âmbitos de estudos da Sociologia da Educação e no da Sociologia do Esporte¹, além de se enquadrar na área da Sociologia dos Gostos, como diria Pierre Bourdieu na obra *A distinção* (crítica social do julgamento), Devido aos processos de escolha de quem pratica o futebol dentro de uma escolinha. Isso porque o espaço social dos esportes não é fechado em si mesmo, mas está dentro de um sistema de práticas e consumos (BOURDIEU, 1990). Assim, tentamos compreender como a escolha por escolinhas de futebol pode ser uma das possibilidades de alavancar uma ascensão social, bem como, apenas, um ambiente para se praticar um esporte – dentre outros problemas sociológicos.

Usando como meio de investigação a Escolinha de Futebol Grêmio Maranhense, nesta pesquisa buscamos responder algumas das inquietações, como por exemplo: “qual o perfil social das famílias que escolhem esse tipo de esporte?”, “escolher a escolinha de futebol implica em não escolher outras atividades ‘extraescolares’ para seus filhos ou a escolinha é uma dentre várias atividades?” e analisar, sobretudo, se “esse filho não está apenas reproduzindo a prática de um esporte porque foi criado num imaginário social que pensa que o esporte é visto como popular e propiciador de melhorar a chance da prática de possível ascensão social?”.

O objetivo geral que fez gerar tal investigação sociológica foi o de: analisar trajetórias e estratégias de reprodução e desigualdade social de jogadores e suas famílias a partir de

¹ Área da Sociologia que, como Norbert Elias (1992) afirma, ainda é pouco trabalhada, embora seja um problema sociológico.

estudos de casos a serem investigados na escolinha de futebol Grêmio Maranhense, em São Luís – MA. Já os objetivos específicos, que se desenvolveram a partir do geral, foram os seguintes: a) Fazer uma abordagem Sócio-Histórica do Futebol para melhor compreender o espaço social e simbólico das escolinhas de futebol; b) Investigar a partir do olhar do dono da escolinha Grêmio Maranhense, olheiros, técnicos o mercado de trabalho, o investimento, a escolarização dos jovens jogadores; e c) Compreender a razão das escolhas das famílias ao inserirem seus filhos em determinada escolinha de futebol.

A investigação sociológica se deu a partir de observações e entrevistas na escolinha de futebol Grêmio Maranhense, que se localiza na Rua Guanabara, Chácara Brasil, dentro de um clube desportivo, o A&D eventos, no município de São Luís, do estado do Maranhão. O espaço é amplo e está dividido em dois andares. O térreo possui um campo de futebol nos padrões do futebol *Society*, gramado sintético em bom estado, proteção de redes na parte superior para evitar que a bola atinja a plateia que fica na arquibancada, além de outros espaços que também são reservados a outras práticas esportivas, como: um salão com área para a prática de judô, três piscinas, uma lanchonete, um pequeno parque com pequenas casas de madeira com escorregador para crianças; e, no andar de cima, um hotel e academia de ginástica.

Durante o período de janeiro a maio de 2022², frequentamos a escolinha Grêmio Maranhense³, colhendo observações empíricas e entrevistas com pais, jogadores e responsáveis técnicos da escolinha. A pesquisa foi de cunho quanti-qualitativo. Primeiro, fizemos uso da observação do ambiente como um todo, assistindo aos treinos, observando os pais ou responsáveis na plateia, bem como conversas com treinadores, jogadores e pais desses jogadores. O celular com gravador de voz foi utilizado como meio de arquivamento das informações dessas conversas. Assim, a pesquisa se guiou através dos seguintes métodos:

² As visitas ao campo foram finalizadas em maio, haja vista que a previsão de finalização do mestrado seria agosto de 2022. As visitas não eram tão frequentes, pois estávamos voltando a ressocializar pós-vacina da covid-19. Ademais dos dias em que conseguimos conversar com as famílias, estivemos em outras vezes, fazendo observação dos treinamentos.

³ Os diálogos com a escolinha se deram tanto de forma presencial como virtual. Em janeiro, fomos pela primeira vez, no final do mês (24/01/2022) e nesse dia entrevistamos o professor José e a mãe do jogador Henrique; em fevereiro fomos furtadas, ficando, por isso, sem celular, que era o dispositivo utilizado para as gravações das entrevistas. Assim, durante esse mês, dedicamo-nos à escrita com as informações que tínhamos [...]. Regressamos ao campo no período de março a maio de 2022. Dialogamos com a mãe de um jogador no dia 07/04/2022. Nossa ida dependia dos dias em que o dono e/ou professor José estava(m) lá, que, geralmente, eram de segunda a quinta. Nem sempre o dono tinha disponibilidade, pois estava frequentemente atarefado em seu escritório, até que um dia ele se dispôs a escolher uma data em que poderia nos conceder um tempo para conversarmos (22/04/2022). Nesse dia conseguimos, ainda, falar com 3 (três) pais e 2 (dois) jogadores. Na semana seguinte, observamos alguns treinos e no dia 11/05/2022 dialogamos com 4 (quatro) jogadores, além de seu José e seu Fernando. Nesse período de visitas ao campo, as conversas com os familiares, jogadores, com o dono e outros técnicos aconteceram na escolinha. No entanto, algumas informações sobre a escolinha foram esclarecidas via whatsapp, tanto por parte do dono como dos outros professores.

questionários (MILLS, 2009) e entrevistas (BOURDIEU, 2008; KAUFFMAN, 2013; BEAUD; WEBER, 2014).

Foram elaborados três tipos de questionários para melhor desenvolvimento da pesquisa: 1) para os pais ou responsáveis; 2) para jogadores; e 3) responsáveis técnicos da escolinha. Ao todo foram entrevistadas 13 (treze) pessoas, sendo 3 (três) professores da escolinha: o dono que também age como técnico e outros 2 (dois) técnicos que revezam o trabalho durante a semana; e 5 (cinco) responsáveis⁴ (ou pai ou mãe de jogador); e 5 (cinco) jogadores.

Necessitamos usar a ferramenta das entrevistas semiestruturadas para melhor guiar a pesquisa, pois, desse modo, seria mais viável acessar os agentes da melhor maneira possível e conseguir, com isso, que eles narrassem com mais facilidade suas vidas, seu cotidiano e suas escolhas. Com perguntas que abarcavam desde a origem familiar e escolar dos pais dos jogadores, até questões referentes ao objetivo de se tornar um jogador de futebol (no caso dos jogadores) e sobre o apoio no seio familiar, além do papel da escolinha e responsáveis técnicos na formação dos jogadores.

Pretendemos contribuir com os estudos sobre o Futebol a partir do olhar das Ciências Humanas e, especificamente, sociológicas, com o estado maranhense, haja vista que, no Maranhão, uma das poucas referências no ramo das Ciências Sociais é a pesquisa *FUTEBOL E CARREIRA POLÍTICA: a trajetória de Sérgio Frota* (2014), desenvolvida pelo cientista social e pesquisador José Hailton Costa Coelho, que, mais tarde, culminou em seu trabalho dissertativo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSOC): *Futebol e Política no Brasil: padrões de imbricações e multinotabilidades* (2017), em que investigou a trajetória política do então deputado estadual do Maranhão e dirigente do Sampaio Corrêa Futebol Clube (MA): Sérgio Frota.

O objeto deste trabalho foi o de investigar as estratégias de Reprodução Social das famílias inseridas na escolinha de futebol Grêmio Maranhense, tomando como notas a origem social de cada família de jogador, a vida estudantil desses jovens, seus meios de socialização, dentre outras variantes que surgiram no decorrer das conversas com os agentes sociais.

Aqui, buscamos fazer uma perspectiva analítica sobre o futebol, com um olhar na

⁴ Consideramos importante ressaltar aqui que os pais e mães entrevistados não são respectivamente os responsáveis pelos jogadores entrevistados, pois aproveitávamos a oportunidade de estabelecer contato quando possível, isto é, enquanto estávamos na arquibancada, pois, quando acabavam os treinos, filhos e responsáveis, geralmente, iam embora logo a seguir. Então, nossa estratégia era chegar muito cedo à escolinha, conversar com alguns jogadores antes de entrarem no campo e, enquanto treinavam, conversávamos com os pais presentes naquele espaço.

realidade social e econômica das famílias de jovens inseridos na escolinha de futebol grêmio maranhense, levando em consideração que, para muitos indivíduos ou grupos, sobretudo famílias, o esporte faz parte de uma mesma cadeia, que integra: educação, reprodução social e ascensão econômica.

CAPÍTULO 2 – POR UMA HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL COMO ESPORTE MODERNO

Este capítulo tem por objetivo fazer uma breve abordagem sobre a História Social do Futebol dentro do campo esportivo e da ideia do Esporte Moderno. Tal análise foi construída a partir de Murad (1995), enxergando o esporte como uma Instituição Social, principalmente depois da Segunda Guerra, e Bourdieu (1983, 1990) que menciona que esse ambiente social está permeado por *habitus* cujos agentes põem em jogo seus interesses específicos⁵, a partir de regras sociais do próprio campo e do ambiente social ali inseridos. Para tanto, o debate aqui está estruturado em três partes: “O início das práticas futebolísticas e a regulamentação do futebol” construído a partir de obras como: *Sociologia do Futebol: o esporte das Multidões* (2002), do sociólogo britânico Richard Giulianotti, *A busca da Excitação* (1986), de Norbert Elias e Eric Dunning, *Questões de Sociologia* (1983) e *Coisas Ditas* (1990), de Pierre Bourdieu.

A segunda parte, “A chegada desse esporte ao Brasil”, tem como base teórica o artigo “Futebol e teoria social: introdução a uma sociologia do futebol brasileiro”, de Francisco Rodrigues (2002). Aqui, também se conta a história do primeiro Clube de futebol criado e regulamentado no Brasil.

A terceira e última parte, “O papel social do esporte e das escolinhas de futebol”, baseia-se em Hilder Moraes de Oliveira *et. al* (2020), “A importância do esporte educacional em Manicoré no contexto das políticas públicas municipais” e José Vianna (2013) “Projetos de Inclusão Social por meio do Esporte: localização e adesão”.

2.1 O início das práticas futebolísticas e a regulamentação do futebol

Antes de adentrarmos no tema Futebol, precisamos entender o que significa “Esporte”. O termo *sport*, palavra inglesa vinda do termo francês *desport* - prazer, diversão (ELIAS, 1985), começou a se difundir na aristocracia inglesa, bem como nas elites sociais de outros países, no século XIX. Também, começou a ganhar divulgação em diversos países, principalmente entre os anos 1850 e 1950, conquistando reconhecimento até de críticos, como, por exemplo, um comentarista alemão que, no ano de 1936, escreveu que pensar na Inglaterra como mãe desse referido desporto é como pensar nos italianos e associá-los à

⁵ O que pode incluir a tentativa de sucesso na carreira profissional através do esporte (Bourdieu, 1983).

música, querendo dizer com isso que o esporte é algo culturalmente muito relevante para essa nação.

Norbert Elias (1985) analisa os diversos tipos de desportos como, por exemplo: corridas de cavalos, luta, boxe, tênis, caça à raposa, remo, críquete e atletismo, que nasceram na Inglaterra e dela se espalharam para o resto do mundo, “principalmente em meados da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX” (p. 187). Esse autor apresenta um contexto histórico sobre os esportes que, em sua maioria, surgiram na Inglaterra e partiram para os demais países, a incluir o que conhecemos como futebol ou *football* ou *Soccer*, que se originou como um esporte das elites e conforme foi se disseminando pelo mundo, chegou em “grupos de classe média e dos trabalhadores” (p. 189):

À medida que o jogo se divulgava por outros países, o próprio termo futebol, muitas vezes transformado por conveniência e, na maior parte das vezes, associado ao tipo de futebol inglês *soccer*, invadiu outras línguas. Em França manteve a sua forma original. Na Alemanha transformou-se sem grande dificuldade em *fussball*. Em Espanha tornou-se *futbol* com características derivativas, como *futbolero* e *futbolista*. Em Portugal tornou-se *futebol*, na Holanda *voetbal*. Nos Estados Unidos, também o termo *football* se relacionou durante um tempo com o tipo de jogo *soccer*, mas então o termo alterou o seu sentido, de acordo com as mudanças verificadas no sucesso do próprio jogo. O tipo dominante americano de jogo de futebol transformou-se de modo gradual a partir do *soccer* [...] Mas, o termo *football* permaneceu associado a um estilo diferente de jogar, que evoluiu de modo gradual e, por fim, foi estandardizado nos Estados Unidos, enquanto o tipo de jogo *association* se tornou conhecido pura e simplesmente como *soccer*, em contraste com o uso contínuo do termo *futbol* e *football* para esta forma de jogo nos Estados latino-americanos (ELIAS, 1985, p. 190).

Elias (1985) citou uma diferença entre as duas terminologias e suas ações, pelo menos nos Estados Unidos da América – onde o esporte se difere tanto na nomenclatura quanto em suas práticas – e na Inglaterra, que criou o nome tal como o conhecemos hoje: *football*. Embora essa terminologia e essa prática esportiva tenham se expandido no resto da Europa em meados dos séculos XIX e XX, antes de chegar na América Latina, há indícios de que o futebol existe desde a Idade Média e já era praticado tanto por ingleses quanto por gregos.

Em outros lugares do mundo o futebol já era praticado, mas foi somente com a sua regularização na Inglaterra, no século XIX, que esse esporte passou a “existir” formalmente, com regras próprias e com métodos ensinados através de seus nativos e descendentes, ganhando até mais popularidade do que outros esportes preteritamente muito praticados.

Partindo da explicação de Antunes (2018) e de Giulianotti (2002), a prática do futebol ou, pelo menos, de um esporte semelhante, consta de meados de 206 a.C a 220 d.C; porém, outros pesquisadores acreditam que a data chega até 1400 a. C, na China, com o nome de:

Tsu-shu, ou *Cuju*, que significa “chutar a bola”, quando os chineses começaram a chutar algo parecido com uma bola de couro.

Sob influência do *Tsu-shu*, pouco tempo depois nascia no Japão antigo o *Kemari*, esporte praticado pela corte do imperador, em um campo de aproximadamente 200 metros quadrados. A bola era feita de fibras de bambu e haviam oito jogadores que não podiam se encostar uns nos outros.

Giulianotti (2002) explica, a partir de Galeano (1995), sobre as origens do jogo de futebol, baseando-se em narrativas que contavam a respeito de civilizações de tribos indígenas da América Central e Amazonas, consideradas “primitivas”, que já praticavam jogos de bola em 1500 a. C. Além disso, outros povos indígenas habitantes da América do Norte (antes da chegada dos “Conquistadores da América”/ invasores) já tinham seus próprios jogos de futebol, cujo nome era: *passuckquakkohowog*, que significa “eles se juntam para jogar futebol” (FOULDS; HARRIS, 1979 apud GIULIANOTTI, 2002, p. 15). Já no Chile, os povos indígenas jogavam *pilimatun*; na Patagônia, o *tchoekah* (OLIVER, 1992 apud GIULIANOTTI, 2002, p. 15).

O site “Universidade do Futebol” faz um breve contexto de como na Grécia e Roma o futebol começava a ser praticado. Para os gregos, no Século I a.C., o esporte era chamado de *Episkiros*. Era jogado por 9 (nove) a 15 (quinze) jogadores, dependendo da região do país. O campo era retangular e a bola feita de bexiga de boi recheada com areia ou terra. Quando os romanos dominaram a Grécia e, com isso, absorveram sua cultura, pegaram esse esporte e deram o nome de *harpastum*, que significa “lágrima” ou “rasgado a força”. A partir daí, acrescentaram ao *Episkiros* mais pessoas, passando a constar com 27 jogadores e permitindo o uso da violência entre os praticantes, havendo, inclusive, mortos. Devido a isso, o Rei Eduardo II passou a proibir esse esporte.

Giulianotti (2002) narra que, embora algumas regiões do norte da Europa já estivessem começando a praticar o futebol, como, por exemplo, no norte da França, nas Ilhas Britânicas (como um futebol primitivo), na Irlanda, jogado pelos Celtas, no País de Gales, com o nome *knappan*; em definitivo, os romanos passaram a ensinar o esporte aos países que conolonizavam.

Para Elias e Dunning (1985), nos séculos XIII e XIV, o futebol era considerado um esporte “primitivo”, violento e “não-civilizado” se comparado à ideia moderna do jogo, pois não tinham regras e organização quanto às posições dos participantes. Era permitido que fizessem uso de punhais, darem pontapés nas canelas, socos e movimentos de luta. Foi com a criação das regras que conhecemos hoje, modos de jogo e regulamentação que esse esporte

passou a ser visto como moderno e a ser praticado e assistido como espetáculo para pessoas de alta classe econômica.

Sob o olhar dos sociólogos que se inspiram na teoria durkheimiana, “o futebol ‘primitivo’ funcionava para manter a ordem social e integrar os indivíduos no âmbito local” (GIULIANOTTI, 2002, p.17). Desse modo, colaborava como meio socioeducativo a longo prazo e agia como um *rito de passagem* comemorativo da adolescência à vida adulta viril; além de ser um meio de alimentar os sentimentos de solidariedade social.

Assim, ganhando expansão nesse cenário escolar, o futebol passou a ser regulamentado pela Inglaterra no século XIX, recebendo o nome de *Football Association (FA)* ou *Soccer*, que é um termo advindo da palavra “as(soc)iation” mais o sufixo “er”, adquirindo, portanto, o status de “Esporte Moderno”.

O futebol passou a ser jogado pelos alunos de graduação de Oxbridge, pelo menos a partir do século XVI. Em 1818, quando Thomas Arnold se tornou diretor de uma escola na cidade de Rugby, o esporte passou a compor os compromissos escolares dos jovens estudantes ricos. Nesse sentido, os jogos foram inseridos como um meio de ensinar virtudes tais como: liderança, lealdade e disciplina.

Giulianotti (2002) esclarece que conforme aconteciam os jogos escolares, a reputação social do futebol crescia e com essa elevação de *status*, regras precisavam ser padronizadas, já que cada escola tinha sua maneira de jogar, o que gerava grandes inconsistências. Assim, em 1848, diretores de várias escolas se reuniram para normalizar um código universal de regras. Usando das palavras de Bourdieu (1991): o jogo, que antes era visto como “primitivo”, passou a receber uma “modernização” e “racionalização”, sendo reconhecido pelo Estado devido a seu “poder de disciplina”.

Giulianotti (2002) explica que, no final do século XIX, os principais conflitos começaram a acontecer dentro das classes médias e eram divididas por região e pela questão do profissionalismo. Por exemplo, no sul de Londres, no ano de 1882, era criado o *Corinthian Football Club*, time visto como amador, pois era muito ético quanto às normas e ao que acreditavam ser justo dentro de campo e, por isso, são até considerados os criadores do *fair-play*⁶. Assim, agiam de acordo com o andamento do jogo. Se por acaso um jogador do time adversário se machucasse gravemente e não pudesse voltar à partida ou tivesse sido expulso, eles retiravam um jogador do time deles para equilibrar a disputa. Em caso de penalidades máximas, eles se recusariam a bater com o intuito de acertar o gol, porque consideravam algo

⁶ É quando se age a partir de princípios ético-morais em relação ao adversário, dentro de um esporte.

injusto dentro da disputa.

No Norte e região central da Inglaterra, bem como na Escócia industrial, encontravam-se os times mais profissionais, formados por sujeito do ramo industrial e por um setor da pequena burguesia; os que queriam assistir, faziam uso de apostas, além de investir e controlar a maioria dos clubes bem-sucedidos. Um mercador famoso, o escocês William McGregor, logo se tornou diretor do Aston Villa, além de organizar clubes no Norte. Com campeonatos surgindo do Norte ao Sul da Grã-Bretanha, o FA não conseguia mais controlar e limitar “o pagamento às despesas reembolsadas”, e, em julho de 1885, reconheceu o futebol profissional, com o primeiro campeonato sendo disputado em 1888, o qual obteve grande sucesso.

Giulianotti (2002) relata que, no final da Era Vitoriana, o futebol ganhava importância dentro da cultura urbana. Na Inglaterra, a média do público aumentou, bem como na Escócia, que, entre os anos de 1885 e 1914, dobrou. Os torcedores da classe média dividiam vagas nas arquibancadas com as classes trabalhadoras masculinas. A atração da massa popular pelo futebol vinha das práticas culturais, em que essas pessoas bebiam e apostavam. Muitos desses trabalhadores faltavam ao trabalho no sábado para assistir às partidas, correndo o risco de demissão, além de reservarem sempre uma quantidade de dinheiro para os ingressos, caso ficassem desempregados. Por isso, o jogo em si passou a ser reflexo ou extensão da vivência industrial urbana.

Nas palavras de Eric Hobsbawm (1987, p. 262), o futebol agia como “a religião leiga da classe operária” devido à forma como “a massa da população trabalhadora se envolveu nas batalhas simbólicas dos campos de futebol durante a expansão das cidades industriais” (WISNIK, 2008, p. 43). Assim, esse esporte, praticado pelas classes menos abastadas, acabou por imprimir novas formas de jogar, tomando, também, para si, algo que antes era reservado “somente” aos privilégios da elite.

Giulianotti (2002) nos notifica que o futebol se tornava burguesamente comercial no início da modernização capitalista. Em 1891, o jogo passou a ter um juiz que deveria agir com neutralidade durante a partida. Anteriormente, eram dois juízes, um para cada time, que tentavam entrar em comum acordo. Com isso, a ideia de um novo profissionalismo passava a incomodar, pois os jogadores passaram a intimidar os árbitros e, assim, aumentou a frequência em que a violência aparecia dentro dos campos.

Devido à profissionalização dos jogadores de futebol e “para manter os limites de classes tradicionais, as autoridades tentaram limitar o poder salarial dos grandes profissionais” (GIULIANOTTI, 2002, p. 21). Os diretores de clubes reclamavam porque os jogadores

estavam ganhando muito dinheiro e, com isso, arruinando a economia do clube. Ao invés de se definir um salário máximo, os maiores clubes defendiam a ideia de um contrato livre – visando o próprio lucro. Então, devido a essas incongruências, no ano de 1901, a FA instaurou que o salário fixo fosse o de 4 libras esterlinas, algo constantemente ludibriado. Com essa proposta de um valor tão baixo, até mesmo os clubes passaram a oferecer pagamentos clandestinos para que os jogadores pudessem receber um valor extra mais generoso.

O profissionalismo permitiu com que as classes operárias também se imaginassem na posição de jogadores de futebol como meio de estratificação social, mas outros pontos também eram levados em consideração, como a etnia e a nacionalidade. Outro fator a ter em conta é que os espaços vistos como centros de excelência do futebol eram aqueles frequentados pelos povos celtas e seus descendentes.

Assim, na virada do século, o Liverpool ganhou visibilidade como base do futebol inglês e, mais tarde, “o clube irlandês católico de Glasgow, o Celtic, passou a dominar o jogo escocês, vencendo dez campeonatos em 13 anos, de 1905 até 1918” (WALVIN, 1975; CRAMPSEY, 1990 apud GIULIANOTTI, 2002, p. 21). Com o futebol sendo bem-quisto por essas regiões da Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia, logo ele ganhou mais visibilidade até mesmo nas relações comerciais.

Na Índia, passou a ser jogado regularmente “entre as tropas inglesas e os adversários locais descalços, principalmente em Calcutá” (MASON, 1986 apud GIULIANOTTI, 2002, p. 22). Na Austrália, o futebol perdeu o prestígio para o *Aussie Rules*, esporte criado por essa nação. É um tipo de “futebol com as mãos”, praticado tipicamente por homens, por exigir muito da força dos braços; é também comparado ao “futebol dos celtas”. No Canadá, em 1888, apesar de um grupo de escoceses chegar nessa nação levando o futebol como proposta, foi o Hóquei no gelo que se tornou paixão nacional.

Na África colonial, a difusão se deu pelos soldados e colonos. Os colonos europeus achavam o futebol um esporte das classes mais abastadas e que não deveria ser assistido e/ou praticado por negros. Logo, nas cidades costeiras, onde se encontravam os negros segregados, o críquete era o esporte mais praticado.

No Congo, o passatempo mais popular dentre os povos indígenas, nos anos de 1920, era o *mwana – foot* ou “futebol infantil”, que foi se espalhando entre as comunidades urbanas. Em Camarões, uma elite africana expatriada foi convidada por colonos franceses para administrar o país e, além de trabalharem juntos, passaram a jogar também em comunhão. Na África do Sul, o jogo era praticado por uma elite africana, até que mais tarde, com a ajuda do exército colonial, o acesso foi chegando às classes trabalhadoras.

Em Durban, o futebol se tornou muito popular e, por isso, a elite africana tentou vetar sua prática pelos mais pobres. Mais tarde, os negros de baixa renda passaram a praticar o esporte em terrenos baldios, até serem banidos pelas leis do *Apartheid*. No auge desse Regime, muitos negros, pelo menos 100 clubes, brigavam por um espaço para jogar futebol. O esporte era considerado o favorito de muitos, pois era simples de jogar e suas regras e valores eram considerados de “cultura – neutra”.

Até a década de 1930, o esporte só ganhava mais praticantes no continente africano, principalmente entre os povos negros, ficando, assim, cada vez mais difícil dos brancos colonizadores manterem o controle sobre quem poderia ou não praticá-lo. Mas, no período pós-guerra, muitos ingleses começaram a respeitar os jogadores negros advindos de suas colônias. Dessa forma, times da África e do Caribe foram convidados e bem recepcionados em sua chegada.

Por outro lado, foi no continente europeu onde o futebol se expandiu mais rapidamente. Na Suíça, o futebol chegou através de rapazes ingleses que frequentavam escolas particulares e, na região da Escandinávia, chegou primeiro à Dinamarca, em 1879. Os artesãos escoceses levaram o esporte para a Suécia no final do século XIX; para os noruegueses, em 1880; na Holanda, no século XIX, mediante os trabalhadores de algodão, de Lancashire, Inglaterra.

É importante mencionar que as escolas inglesas foram centrais para a popularização do futebol na Alemanha, na Rússia, nos países bascos (década de 1890) e na Itália (Gênova, Milão, Turim e Nápoles) e na França, na época da *belle époque*, momento em que os primeiros times foram formados por escoceses e ingleses exilados em Paris. A burguesia francesa logo quis se apropriar do esporte, ficando mais popular nos extremos norte e sul do país. Expatriados ingleses garantiram a expansão do esporte para a Áustria, Hungria e Boêmia, e depois na Checoslováquia durante a década de 1890.

No caso da América Latina, “as relações comerciais mostraram-se o canal mais fértil para a colonização do futebol” (GIULIANOTTI, 2002, p. 24). No Brasil, chegou através de Charles Miller, brasileiro, filho de britânicos, que foi estudar na Inglaterra e voltou a São Paulo trazendo o futebol como novidade. Na Argentina, esse esporte apareceu primeiro no Rio de La Plata, quando ingleses que moravam ali passaram a criar clubes. A influência inglesa corroborou até mesmo com a origem dos nomes de alguns clubes, como: *River Plate*, time considerado elite da capital portenha, o Club Atlético Newell's Old Boys, time da cidade de Rosário, província de Santa Fé. No Uruguai, o primeiro clube foi o Albion FC, fundado em junho de 1861, em Montevideu. Em 1891, trabalhadores ferroviários ingleses fundaram o conhecido clube Peñarol e, em 1899, nasce o Nacional, criado por estudantes hispânicos. No

Chile, marinheiros britânicos introduziram o futebol no ano de 1889, no porto de Valparaíso.

Em *Como podemos ser desportistas?*, Bourdieu (2019) descreve sobre as práticas esportivas sob a ótica do sociologia, averiguando a maneira em que essas práticas se encontram distribuídas em formas estatísticas a “nível de instrução, idade, sexo, profissão” (p. 165) e em meio a uma análise do social.

Todavia, o trabalho analítico do intelectual francês vem a tratar da busca por esportes enquanto conjunto de práticas e como demanda dos produtos esportivos, levando em relevância: os agentes sociais, os esportes mais procurados, a época da vida em que mais o procuram e o universo de consumo ao qual eles pertencem. Em segundo lugar, plantea as seguintes perguntas: quais são as condições sociais de quem pratica determinados esportes? Como se produz a demanda por produtos esportivos? Como as pessoas adquirem o ‘gosto’ pelo esporte?, justamente por um determinado esporte mais do que por outro, “seja como prática ou como espetáculo” (BOURDIEU, 2019, p. 166).

Bourdieu (2019) considera importante o fato de que, para entender essas questões, é essencial que nos interroguemos a respeito dos contextos e fenômenos sociais pelos quais a sociedade e o dito “esporte moderno” estão passando, pois só assim poderemos investigar em que situação político-social se encontra o sistema de instituições e agentes sociais atrelados ao campo das práticas esportivas. Por isso, também se torna necessário que nos questionemos sobre o campo de concorrência onde esses agentes estão atrelados e acerca da posição deles, isto é, como chegaram a esse ambiente social.

Essa visão a partir de Bourdieu corrobora para a reflexão de como a escolinha Grêmio Maranhense foi criada e como o futebol entrou na vida dos que ali convivem – tanto dos responsáveis pelo funcionamento da escolinha como das famílias ali relacionadas.

Bourdieu (2019) faz um aparato histórico de como o futebol começou a ser praticado nas escolas, tornando-se parte dos exercícios corporais. Porém, quando isso acontecia, o esporte ainda era visto como um esporte a ser praticado por homens, filhos de uma elite que investia mais que a média na educação escolar dos filhos, a fim de ocupar o tempo deles. Além disso, algumas famílias na Inglaterra, no final do século XIX, começaram a perceber que seus filhos se tornaram menos violentos, pois essa prática ajudava a moldar seu caráter que, esteticamente, aparentavam estar mais saudáveis também.

Assim, assemelha-se o ambiente esportista a um campo de disputa, pois há muito em jogo, uma vez que se gera um cenário onde surge um vencedor e um perdedor, mesmo demandando um pouco mais de tempo no duelo, criando mais tensão e senso de disputa, o que engloba uma dinâmica configuracional que exige muito dos envolvidos. Entender esse campo

como um meio de disputas enquanto parte de seu sistema requer a compreensão deste meio social como um lugar preenchido por egos. Também:

Qualquer padrão de jogo concede a alguns jogadores um considerável campo de ação para decidir. De facto, sem a capacidade de tomar decisões com rapidez, um indivíduo não pode ser um bom jogador. Mas, muitas vezes, o jogador tem de decidir entre a necessidade de cooperar com os outros membros para o benefício da equipe e a de contribuir para a sua reputação pessoal e progresso. Em casos como este, a conceptualização atual e dominada por alternativas absolutas como «egoísmo» e «altruísmo» (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 296).

Por mais que a necessidade maior seja vencer uma partida, o poder de decisão do jogador pode afetar o grupo enquanto coletividade formada por indivíduos. Em jogo, existem muitas disputas internas e externas. Em razão disso, é necessário investigar esse meio sociologicamente.

Elias e Dunning (1985) analisam o Futebol e sua trajetória como uma configuração pertencente ao meio social, pois, para eles, “o jogo é uma configuração dinâmica de jogadores no campo” (p. 289-290). O esporte, portanto, pode ser visto também como um lugar de lutas. Assim, o futebol pode se tornar: um espetáculo e um campo de poder, permeado de cobranças, em que há disputas que vão desde o ego – perpassando por duelos que vão desde a escolha de quem vai usar a camisa 10 (dez) do time, até as diversas disposições que envolvem seus estilos de vida, a preocupação com o corpo (pedagogia corporal) e a legitimação do sucesso da prática esportiva enquanto meio de (re)socialização (pedagogia moral) e uma tentativa de ascensão social.

Usando Bourdieu (2019) para explicar o campo das práticas esportivas, torna-se mais viável investigar o âmbito das escolinhas de futebol, compreendendo como esse campo (das práticas esportivas) se constitui a partir de uma filosofia política do esporte, e, como tal, pode ser capaz de desenvolver formas de educação e liderança naqueles que o praticam, pois: “o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer (“*will to win*”), que é a marca dos verdadeiros chefes. Mas, uma vontade de vencer seguindo as regras -é o *fair-play*” (BOURDIEU, 2019, p. 170). Assim, percebe-se que há uma ideia moral intrinsecamente ligada ao esporte na Era Moderna.

Bourdieu (2019) também descreve como o esporte faz parte da Sociologia do Consumo, pois há um encontro entre a oferta e a demanda, que se referem “às expectativas, interesses e os valores dos potenciais praticantes, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajuste permanentes entre um e outro” (p. 179). Ou seja, há um mercado muito forte de “produção de jogadores” e que esses devem

observar o campo esportivo, a distribuição de classes sociais e os moldes de sua época, pontos que estão atrelados ao *habitus* da vida social desses indivíduos – (o modo como cuidam de seus corpos e até mesmo uma questão de linguagem – forma de falar, de se expressar), que se observa também no meio social do qual faz parte esse indivíduo.

Em suma, a partir de Bourdieu (2004, 2019) podemos pensar como o esporte é um espaço social cheio de disposições (do próprio *habitus*), dentro de um sistema de consumos, atrelados à lei da *procura*, bem como está relacionado às posições sociais, classes sociais de seus praticantes – lei da *oferta*. (BOURDIEU, 2004). Isso ajuda a pensar em que classes sociais se encontram as pessoas que procuram a escolinha Grêmio Maranhense.

Em “Programa para uma sociologia do Esporte”, texto de 1990, presente na obra *Coisas Ditas*, Bourdieu (2004) volta a explicar que:

[...] para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Este pode ser construído a partir de conjuntos de indicadores, como, de um lado, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc., ou, de outro lado, o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto, um corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou só o autorize por bola interposta, como o tênis, ou por intermédio de instrumentos, como a esgrima. Em seguida, é preciso relacionar esse espaço de esportes como o espaço social que se manifesta nele (BOURDIEU, 1990, p. 208).

Desse modo, é importante observar o espaço social do esporte na vida das pessoas, o que as leva a escolher um determinado esporte que acaba por legitimar o status social tanto do próprio esporte quanto de quem o pratica. Isso porque esse universo está inserido num universo de práticas e consumos estruturados e constituídos em um sistema de práticas esportivas como um lugar de forças, já que tal esporte e tais esportistas dizem muito sobre a posição social e classe social de quem o pratica.

É importante destacar que, além de um esporte, o futebol surgiu também como um jogo de *status* e poder na sociedade, sendo bem-quisto quando praticado por homens brancos de alta classe e sendo proibido a pessoas fora desses padrões. Ainda assim, o esporte se tornou maior que o controle social que poderiam aplicar nele, mostrando que não é mero lazer, mas um meio ideológico, político, que está intrinsecamente interligado à Identidade Cultural de um país.

2.2 A chegada do futebol no Brasil

Segundo Rodrigues (2002), o futebol chega ao Brasil no final do século XIX, com Charles Miller, que volta da Inglaterra em 1894, trazendo métodos e materiais utilizados para a prática desse esporte, tais como: chuteiras, bolas, camisas e calções. Miller, então, introduz o futebol em São Paulo, ensinando o esporte aos jovens que faziam parte da elite, tal como ele observou na Europa, onde era praticado e assistido por uma aristocracia, o que começa a se tornar uma marca desse esporte na época. Negros e mulatos, ainda mais os de classes baixas, só puderam ter a chance de começar a praticá-lo profissionalmente quando começou a se popularizar na cultura nacional, em 1933.

No livro *O Negro no futebol brasileiro* (2010), de Mário Filho, o autor defende a teoria de que o futebol seria um meio de ascensão social dos negros “independentemente de poder econômico e do grau de escolaridade”, o que lembra a visão do sociólogo Gilberto Freyre, quando pondera que o futebol começou a fazer verdadeiro sucesso no Brasil devido ao jeito do brasileiro jogar, levando em relevância o biotipo das pessoas brasileiras, visto como “indivíduos dos corpos fortes e miscigenados”, de muita resistência e velocidade – o que soa como uma análise preconceituosa, como se a força e virilidade fosse algo genético, devido à cor da pele.

Rodrigues (2002) critica a teoria apresentada por Gilberto Freyre, consistente em que o futebol começou a ganhar força na cultura nacional brasileira quando os negros e mestiços começaram a apresentar uma forma espontânea e cheia de improviso em campo, diferenciando-os, assim, dos ingleses. Passaram a observar o estilo brasileiro de se jogar futebol e essa forma *diferente* passou a ganhar notoriedade na “construção da identidade nacional”.

Nesse sentido, alguns intelectuais que podem ser vistos como pioneiros sobre as análises do Futebol nas Ciências Sociais no Brasil foram: 1) Gilberto Freyre, em muitos artigos que escreveu para jornais, revistas, prefácios e introduções de livros; 2) Roberto DaMatta, em estudos como: o artigo “Antropologia do Óbvio” – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro, publicado em 1994, na “Revista USP: Dossiê Futebol” (22) e no livro *O universo do futebol*, de 1982, em que ele tece o debate de como o futebol, as festas populares, como, por exemplo, o carnaval, seriam fontes da identidade nacional, permitindo, assim, uma aproximação entre o Estado Nacional e a Sociedade; 3) Luiz Henrique Toledo em sua dissertação de mestrado que resultou na construção da obra *Torcidas Organizadas de Futebol*, publicada em 1996, em que faz uma discussão antropológica sobre o futebol e as as torcidas organizadas dentro da dinâmica cultural da cidade; 4) Cláudia Mattos em sua obra *Cem anos de paixão*, de 1997, que tece uma narrativa consistente na maneira em que o futebol chegou

ao Rio de Janeiro, surgindo, a partir disso, quatro clubes brasileiros: “o Fluminense Football Club, Clube de Regatas do Flamengo, C. R. Vasco da Gama e Botafogo de Futebol e Regatas”, que se tornaram grandes representações do futebol carioca, assim como jogadores da dimensão de Zico e Garrincha, que ganharam destaque nacional como jogadores profissionais; e 5) Ronaldo Helal, quem analisa o futebol como cultura de massa, o profissionalismo, o problema organizacional dos campeonatos, tudo isso, no livro: *Passes e Impasses - futebol e cultura de massa no Brasil*, publicado em 1997.

Esses são somente alguns exemplos para ajudar na visualização desse esporte como um fenômeno sociocultural presente no imaginário e na identidade cultural brasileira. Assim, aliamos-nos à reflexão de que “o futebol é um fato social que possui dimensão econômica e cultural” (RODRIGUES, 2002, p .3).

2.2.1 O primeiro clube de futebol do Brasil

O Sport Clube Rio Grande, fundado no dia 19 de julho de 1900, no município de Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, é considerado o “vovô” dos clubes por ter sido o primeiro a ser documentado como clube futebolístico brasileiro, embora o clube Associação Atlética Ponte Preta, que foi fundado menos de um mês depois na cidade de Campinas, São Paulo, discorde.

A Ponte Preta afirma ter documentos que comprovam que é o primeiro time de futebol do Brasil em atividade como tal de forma ininterrupta desde sua fundação. O Rio Grande mudou, assumiu outro nome, tem um histórico que mostra interrupção. A Ponte não questiona a fundação anterior. A Ponte se apresenta como primeiro time de futebol do Brasil, fundado como tal, em atividade de forma ininterrupta desde então. Além de ser a primeira democracia racial do futebol brasileiro, com presença de negros entre seus fundadores e dentro de campo. Não questionamos o Rio Grande, apenas reafirmamos nossa posição”, disse o clube de Campinas via assessoria de imprensa ao ser questionada sobre quem é o mais antigo (SALDANHA, 2022, n.p.).

Embora a Ponte Preta tente contestar, o Rio Grande afirma ter documentos que são reconhecidos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), comprovando por meio deles ser o time mais antigo do Brasil, tanto que a CBF definiu a data de fundação do time (19 de julho) como dia do futebol (SALDANHA, 2022).

O clube foi fundado no dia 14 de julho, por um jovem alemão: Johannes Christian Moritz Minnemann, “que reuniu alemães, ingleses, portugueses e brasileiros. O encontro aconteceria na Casa dos Atiradores, conhecida como Tiro Alemão” (SALDANHA, 2022).

Porém, devido à data ser historicamente importante para o povo francês, pelo significado da Queda da Bastilha, eles resolveram, então, respeitar o evento e deixar para formalizar o time no dia 19 de junho de 1900, data em que grandes representantes de outros países puderam estar presentes, o que gerou muita reclamação por parte dos rio grandenses.

O Sport Clube Rio Grande ainda existe, mas luta financeiramente para se manter, sobrevivendo “com ajuda de conselheiros e torcedores” (SALDANHA, 2022, n.p.). Há 22 anos o time tenta subir para a primeira divisão do campeonato conhecido como Gauchão. Sua última aparição na série “A” do campeonato Gaúcho foi no centenário do time, quando participou como convidado, a convite da Federação Gaúcha

2.3 O papel social do esporte e das escolinhas de futebol

O trabalho de Oliveira et. al (2020) buscou entender a importância das políticas públicas, essencialmente àquelas voltadas aos esportes como instrumento de ensino, ferramenta de inclusão e desenvolvimento sociocultural, pois:

[...] o esporte é uma ferramenta importante para promover a socialização, pois consegue atingir valores tais como: amizade, senso coletivo e solidariedade. Os efeitos da pobreza podem ser menos danosos quando apoia-se no esporte, pois ele caminha para muito além das competições disputadas em estádios e ginásios. Destarte, a cada dia, o esporte atua como um instrumento que mobiliza inclusão social no contexto educacional, pois é uma ferramenta, também, pedagógica e, enquanto tal, fomenta o desenvolvimento de individualidades, a formação cidadã e orienta práticas sociais, o que faz com que esses alunos sejam interpelados por novos valores morais e éticos que podem transformar a sua vida (OLIVEIRA, 2020, p. 12).

Enxergando o esporte como um dos pilares na construção de uma educação moral e formação da cidadania, faz-se importante perceber como a participação de instituições públicas e privadas, Organizações Não – Governamentais desportivas com profissionais qualificados e em consonância com uma pedagogia escolar também podem corroborar para o meio social.

A função dos esportes nas escolas deve partir de prioridades contrárias em relação às cobradas nos clubes esportivos e escolinhas, pois as propostas são diferentes. Na escola, principalmente na fase infanto-juvenil, que é quando o corpo da criança ainda está se desenvolvendo, o esporte precisa ser praticado com cautela, de forma a não prejudicar

a formação cognitiva, física e nem o rendimento escolar, e sim colaborando com os processos de mudança corporal e socialização do indivíduo.

Nesse sentido, a partir do olhar de Oliveira et. al (2020), encontram-se duas vertentes do esporte nas escolas. A primeira está ligada a uma escola esportiva, que trabalha e desenvolve aprendizagens específicas e selecionando os melhores talentos; e a segunda, “o esporte da escola”, procede se pautando disciplina inclusiva, coletiva e conectada aos valores propostos pelas instituições escolares. Esta última diverge da primeira por ensinar uma multidisciplinaridade esportiva aos seus participantes, não restringindo-se aos exercícios de esportes específicos, mas optando por realizar variadas e distintas práticas e jogos desportivos.

Os esportes podem oferecer enorme significância pessoal e coletiva para a sociedade brasileira das seguintes formas: 1) abrindo para novos empreendimentos e oportunidades⁷; 2) trazendo alternativas para diminuir a desigualdade social, aprimorando técnicas para o indivíduo se tornar profissional; e 3) educando através do esporte, como o trabalho de alguns Institutos ou ONGS, que têm o esporte como meio educacional. Por isso, o acesso aos esportes, principalmente os que já são estabelecidos como mais populares ou mais praticados pela sociedade, merecem e devem ser reforçados pela relevância social que apresentam, tendo um papel essencial na construção da cidadania, nos laços de socialização e na educação do país.

Pensando isso a partir de Norbert Elias (1985), podemos pensar no papel social do esporte enquanto meio disciplinador, devido às suas regras coletivas e universais, que podem colaborar com uma educação e formação moral e cidadã desses atletas⁸.

Para Vianna (2013), ao ser uma forma de prática tanto socializante quanto educativa, o esporte acaba agregando inúmeros valores, reintegrando e dando oportunidades mais saudáveis e “leves” para muitos jovens. Para os adeptos de comunidades pouco privilegiadas, o esporte é uma referência no tocante a minimizar os efeitos que a população dessas áreas, pessoas excluídas socialmente, acaba passando, o que leva a reduzir e amenizar relativamente a desigualdade social como consequências do enorme descaso que sofrem das instituições públicas.

⁷ Nos casos de empresários, donos de escolinhas.

⁸ Embora se saiba que nem todos usam desse espaço para aprender moralmente. A exemplos de muitos casos de violência praticada por futebolistas dentro e fora dos campos, como nos casos do ex-goleiro brasileiro Bruno Souza e do meio campista Daniel Alves.

As atividades esportivas como parte de um projeto pedagógico mais amplo, têm sido utilizadas para fortalecer as iniciativas de agências de socialização positiva presentes na comunidade e contrapor-se a socialização exercida pela criminalidade, por possibilitar aos participantes o rompimento com o cotidiano violento e por favorecer o resgate e o fortalecimento dos valores humanos fundamentais da vida em sociedade (VIANNA, 2013, p. 2).

Por isso, existem boas questões que o esporte pode oferecer para a vida de tantos indivíduos, ajudando-lhes a ampliar as opções de vida, favorecendo o bem-estar, o sentimento de autoconfiança e a independência com uma melhor integração e responsabilidade individual e/ou coletiva.

Ainda, o esporte é visto por algumas crianças e jovens como meio de ascensão social, o que acaba, em contrapartida, sendo um fator de elevação dos casos de evasão escolar, já que quando se encontram próximos aos 14 anos, com uma esperança de profissionalização futura e o prosseguimento de uma carreira bem-sucedida, muitos acabam abandonando os estudos.

Para que haja um maior potencial de inclusão social sob a vinculação esportiva e educacional, é necessário um interesse maior do Estado, com participação contínua dos governos, dando condições viáveis de investimentos, incentivos e parcerias com setores públicos, privados e ONGs. Também é importante a construção desses espaços esportivos com uma estrutura organizada, não só restringidos aos locais centrais das principais regiões.

O acesso de pessoas aos espaços públicos, cujos lugares possuem aparelhos, segurança e livre circulação entre as comunidades, permite que os membros da sociedade, particularmente os que são designados por entidades governamentais como excluídos, podem sentir-se um pouco mais incluídos e integrados. Projetos esportivos localizados em lugares próximos a espaços abertos e propícios para a prática de atividades físicas e eventos culturais, podem favorecer um aumento de jovens ou de outras pessoas para que se envolvam. “Assim, a intervenção social e educacional através do esporte pode contribuir na formação cidadã dos participantes” (VIANNA, 2013, p. 4).

Todavia com Vianna (2013), o intelectual ajuda a refletir sobre como a existência de locais esportivos com estrutura e aparelhos para a prática desses esportes, ensino através de profissionais preparados e com acesso aos menos favorecidos – em casos de jogadores bolsistas em escolinhas privadas –, permite valorizar o papel das escolinhas de futebol como um modo construtivo de incorporação sociocultural e educativo.

Assim, podemos pensar como o desenvolvimento de projetos socioeducativos, culturais e disciplinares, acrescentado ao seu valor desportivo, acarreta numa positiva

mudança de perspectivas nas comunidades e nas vidas particulares de cada indivíduo, redefinindo um cenário de poucas oportunidades e dos lugares onde alguns residem. Com valores éticos e morais, o esporte pode ser um apoio emocional e físico, além de ser uma das possibilidades de ascensão social dentro de algumas famílias.

CAPÍTULO 3 – A CHEGADA DO FUTEBOL NO MARANHÃO E A HISTÓRIA DO GRÊMIO MARANHENSE COMO ESCOLINHA DE FORMAÇÃO DE JOGADORES

Este capítulo tem como proposta apresentar brevemente como o futebol chegou e tem se desenvolvido no Maranhão, assim como citar algumas das escolinhas de futebol presentes na grande Ilha de São Luís e logo em seguida introduzir a história do Grêmio Maranhense.

A referida escolinha desenvolve seu trabalho na formação profissional de jogadores de futebol. Nasceu a partir do Grêmio Foot-Ball Porto – Alegrense, famoso clube gaúcho, mas há pouco tempo, após construir seu nome na capital maranhense, passou a usar da sua própria identidade: “Grêmio Maranhense Futebol Club”.

Para este capítulo foi necessário, no primeiro momento, introduzir a história do Futebol no Maranhão e isso foi feito a partir de Vaz: *História do Futebol Maranhense: o Futebol em São Luís (Maranhão – Brasil): 1907 – 1917* (2003) e uma matéria feita pelo *Jornal O Imparcial*, no “Blog Futebol Maranhense”, com o título: “Como surgiu o futebol em São Luis”, publicada em 2013.

Para o segundo momento, analisamos duas entrevistas com educadores físicos da referida escolinha, usando como leituras principais textos dos sociólogos: Radamés Rogério e Francisco Rodrigues - “Modernidade, corpo e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil”, de 2003 e “Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil”, de 2004 e a dissertação: *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)*, de 2007, respectivamente.

3.1 O futebol no Maranhão

O futebol chegou ao Maranhão em 1905, trazido por Joaquim Moreira Alves dos Santos, mais conhecido como Nhozinho Santos, que regressava da Inglaterra, país no qual ele havia ido para estudar o curso técnico em Indústria têxtil, na cidade de Liverpool. Ele trouxe consigo também “os apetrechos necessários à prática desse esporte: chuteiras, apitos, bolas, etc., como também para outras atividades esportivas, como o ‘crocket’, ‘cricket’, ‘tênis’.” (VAZ, 2018, p.2).

Assim, naquele final de 1905 reuniram-se na residência da família Santos, na rua Grande, n.1018, em São Luis, onde funcionava o Instituto Zoé Cerveira, o líder

Nhozinho Santos, seus irmãos Totó e Maneco, alguns amigos e convidados para tratar da implantação do “foot ball association” no Maranhão. Estiveram presentes: John Shipton, John Moon, Ernest Dobler, ingleses empregados na Boat Steam ship Co. Ld. (Mala Real Inglesa) e na Booth Line & Co. Ld., e os maranhenses Izidoro Aguiar, Edmundo Fernandes, Afonso Gandra, José Ramos Bastos, Antero Novaes, Carlos Neves, Antero Serejo, e outros mais (MARTINS, 1989, apud VAZ, 2018, p. 284).

Nessa reunião aconteceu o debate sobre como e onde funcionaria o futebol e suas atividades na cidade de São Luís. Resolveu-se que o esporte seria praticado numa área que pertencia à família de Nhozinho Santos, dona de uma fábrica de têxteis, a fábrica Santa Izabel. Nesse lugar se construiria um campo de futebol, onde treinaria o primeiro time de futebol no Maranhão, o Fabril Athletic Club. Houve uma dificuldade para montar dois times de 11 jogadores, cada um deles, e, por isso, inicialmente, dividiram em dois os grupos, cada um formado por oito jogadores (VAZ, 2018).

Os treinamentos começaram a chamar a atenção de curiosos que passavam pelo bairro do Canto da Fabril e, ao observarem os rapazes correndo atrás de uma bola, interessaram-se por aquele novo esporte, tanto que, em pouco tempo, muitos homens se uniram aos jogos. Assim, no ano de 1906, iniciaram as formações de times e disputas de campeonatos, com os jogadores usando camisas, chuteiras e bolas importadas. A partir daí, as práticas de futebol no Maranhão se desenvolveram, consolidando-se no ano seguinte, em 1907 (VAZ, 2018).

A data de 28 de maio de 1907 foi registrada como sendo a da primeira partida oficial. Contudo, vale a pena ressaltar que, em 12 de abril daquele ano, já havia acontecido uma disputa entre os “Pretos” (*Black and White*) e “os encarnados” (*Red and White*). O jogo durou 50 minutos, dividido em dois tempos de 25 minutos. O time dos “pretos” fez um gol; foi acrescentado um tempo de prorrogação de 15 minutos e o placar foi encerrado assim (VAZ, 2018).

Em janeiro de 1909, na cidade de São Luís, há o registro da primeira disputa de futebol entre crianças, conforme documentado pela imprensa da época. Os times ficaram divididos entre o “Team Black & White” e o “Team Red & White”. Nesse mesmo ano, o futebol também foi inaugurado na cidade de Alcântara (VAZ, 2018).

A partir daí, no futebol maranhense, começaram a surgir novos clubes, o Guarany Sport Club, criado por Gentil Silva e o caixeiro-viajante José Italiano, em 1917. O nome do clube se deu em homenagem a um bar chamado “Bar Guarany”, que ficava localizado no Lago do Carmo, onde alguns amigos se reuniam para falar sobre futebol. Depois, foram

surgindo outros como: o Sport Club Luso Brasileiro⁹, o Sampaio Côrrea Futebol Clube, em 1923, o Tupan Sport Club, em 1925. Em 1928, inaugurou-se o Sport-Club Sírio – Brasileiro, dentre outros clubes, como também um dos mais famosos clubes do Maranhão: o Moto Club. Assim, estava-se a formar o cenário futebolístico no Maranhão.

Esse último clube merece destaque por ter se tornado um dos mais famosos do Maranhão. Em 13 de setembro de 1937, na Rua da Paz, nº 846, no Centro da Cidade de São Luís do Maranhão, na casa do Sr. César Alexandre Aboud, com o nome de “Cicle Moto de São Luís”, surgia a agremiação “Moto Club”, que tinha a finalidade de promover os esportes de duas rodas: o motociclismo e o ciclismo. Atualmente, o Moto também atende a outros esportes, como o Handebol e o Futebol de Salão.

A primeira diretoria foi composta por Capitão José de Ribamar Campos (Presidente), Capitão Aluísio de Andrade Moura (Vice-Presidente), Raimundo Baima (1º Secretário), Nagib Moucherek (2º Secretário) e Antenor Monroe (Tesoureiro). As cores escolhidas para a nova entidade eram o verde e o branco (SILVA, 2018, n.p.).

Somente dois anos depois, no 17 de setembro de 1939, dia em que faria sua primeira partida amistosa contra o time do Ateneu Teixeira Mendes (um clube estudantil), que o futebol passou a fazer parte dessa associação, a pedido de César Aboud. A partir daí, o clube passou a usar as cores: preto e vermelho. No ano de 1940, o Moto Club se filia à Federação Maranhense de Desportos, “participando do Campeonato Maranhense daquele ano, terminando na quinta colocação” (DA SILVA, 2008, n.p.).

Em 11 de janeiro de 1918, a Federação Maranhense de Futebol (FMF) foi fundada, entidade essa responsável por controlar e representar o futebol do Maranhão diante a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Atualmente, a FMF está presidida pelo advogado Antônio Américo Lobato Gonçalves.

Com a fundação da FMF, em 1918 aconteceu a primeira edição do Campeonato Maranhense de Futebol, tendo como primeiro campeão o “Sport Club Luso Brasileiro”, da cidade de São Luís. Em 2020 aconteceu a centésima edição do Campeonato Maranhense de Futebol, que, pela lógica, deveria ter sido no ano de 2018, mas, em dois anos, esse campeonato não aconteceu: 1929, porque a Seleção Brasileira do Maranhão iria participar do antigo “Brasileiro de Seleções”, e em 1936, devido ao Sampaio Corrêa não concordar com as novas regras, na fase final do torneio e ter optado, devido a isso, por sair da competição.

⁹ De acordo com informações retiradas do site da Federação Maranhense de Futebol, sua fundação aconteceu dia 24/02/1917, mas, para o artigo: “Especial “Como surgiu o futebol em São Luís” - Jornal O Imparcial (1957)”, esse clube foi criado em 1919, pelo comerciante português Edgard Figueira.

De acordo com informações do site da FMF, atualmente são promovidas as seguintes competições: Profissionais (Campeonato Maranhense Série A, Série B, Copa FMF); Amadoras (Sub 13, Sub 15, Sub 17, Sub 19, Feminino, Intermunicipal de Ligas). Até hoje, o Maranhão soma 101 títulos, tendo majoritariamente clubes da capital maranhense como campeões. São 96 títulos para São Luís, 1 (um) título para a cidade de Bacabal, com o Bacabal Esporte Clube, no ano de 1996, e outros 4 (quatro) para a cidade de Imperatriz, sendo 3 (três) para o Sociedade Imperatriz Desporto, conhecido popularmente como Imperatriz ou “Cavalo de Aço” (2005, 2015 e 2019), e um título para o JV Lederal Futebol Clube, no ano de 2009.

3.1.1 Escolinhas de Futebol no Maranhão

No Maranhão têm crescido, cada vez mais, o número de escolinhas de formação futebolística, algumas das quais foram localizadas através de páginas na internet, que foram: a Escola de Futebol franqueada do Clube Atlético Paranaense (CAP), localizada na Arena Sport Calhau, São Luís; o América Mineiro, dividido em dois polos: Vila Bacanga e Avenida dos Africanos; as Escolinhas Flamengo, resididas na grande ilha de São Luís e localizadas nos bairros: Turu e Santos Dumont e na região metropolitana de Paço do Lumiar, além de outros municípios como: Balsas, Chapadinha, Mirador, Pinheiro, Rosário, Santa Inês, Timon, Viana e, futuramente, em dois locais na cidade de Imperatriz (nos bairros Boca da Mata e Jardim São Luis); Escola Cruzeiro Esporte Clube *Soccer School*, em São Luís; Escolinha Ponte Preta Ludovicense, localizada no bairro do Jardim São Cristóvão; e a primeira Escolinha de Futebol do Sampaio Córrea, que é maranhense, e foi inaugurada em 2018, no bairro Parque Vitória. Além dessa, há outra no bairro do Coroadinho, na grande ilha¹⁰.

Dentre essas escolinhas já citadas, há também o Grêmio Ribamarense, que, desde 2013, vem atuando na formação de jogadores de futebol. Nesse período, usava com insistência o nome do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, até o ano de 2020 e o início da pandemia COVID – 19, que atinge o estabelecimento, gerando uma crise financeira. Em virtude disso, o dono opta por transformá-la em uma escolinha independente chamada “Grêmio Ribamarense”, mas que continua tendo boas relações com o clube sulista e,

¹⁰ Não foram encontradas reportagens recentes se o projeto já conseguiu bater a meta de “20 escolinhas, sendo dez na capital e outras dez no interior do estado”, possibilitando a chance de trabalhar com pelo menos 2.500 crianças. (informações retiradas do site do Sampaio FC, 2018).

inclusive, trabalhando em parceria, enviando jogadores para a base do time gaúcho¹¹. A história sobre o significado do Grêmio Ribamarense se assemelha um pouco com a do Grêmio Maranhense, que também se tornou independente no ano de 2020, sendo esta última a escolinha que serviu de campo para o andamento deste trabalho.

3.2 um breve contexto histórico sobre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (GFPA)

No dia 07 de setembro de 1903 aconteceu uma partida de futebol do Sport Club Rio que o paulista Cândido Mendes, trabalhador do Rio Grande do Sul, assistiu. Curiosamente, esse indivíduo, apesar de não saber jogar, levou uma bola de futebol, até que o objeto em campo estourou e os realizadores da partida não tinham outra para pôr no lugar. Cândido, então, emprestou a sua para que o jogo pudesse ser finalizado. No final da partida, os jogadores ensinaram a ele alguns métodos. Oito dias depois, no dia 15 de setembro, em um restaurante da capital gaúcha, na antiga Rua 15 de Novembro (atual José Montauray), Cândido e mais trinta rapazes fundaram o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

De acordo com o site “Brasil Escola”, o clube nasceu como amador, *status* no qual permaneceu por, pelo menos, duas décadas, até ser profissionalizado depois, apesar de que logo nos seus primeiros anos conquistou uma sequência de títulos nos campeonatos municipais e estaduais, consecutivamente, ganhando o título de Campeão da cidade de Porto Alegre nos anos de: “1904, 1905, 1906, 1907¹²”, além de títulos nacionais como os de: Campeão Brasileiro em 1981 e 1996; Supercampeão do Brasil em 1990; Campeão da Copa do Brasil em 1989, 1994, 1997 e 2001; Campeão Brasileiro da série B em 2005; Campeão da Copa Sul-Brasileira em 1999 e títulos internacionais como: o Mundial interclubes em 1983; a Copa Libertadores da América em 1983 e 1995 e a Recopa Sul-Americana em 1996 (RONDINELLI, 2023).

3.2.1 As cores e os *slogans* do Clube

Desde a fundação do clube, seu símbolo tem formato esférico, uma referência ao

¹¹ Informações relatadas em uma breve conversa com o dono dessa referida escolinha.

¹² e depois nos anos de: 1909, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1925, 1926, 1930, 1931, 1932, 1933, 1935, 1937, 1938, 1939, 1946, 1949, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1964 e 1965”, bem como o título de campeão gaúcho nos anos: “1921, 1922, 1926, 1931, 1932, 1946, 1949, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1977, 1979, 1980, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1993, 1995, 1996, 1999, 2001, 2006, 2007 e 2010.

modo em que o clube foi criado, a partir da bola que Cândido Mendes emprestou para finalizar uma partida de futebol, no ano de 1903, na capital gaúcha.

Figura 1 – Evolução do símbolo do Grêmio.



Fonte: Pinterest, 2023.

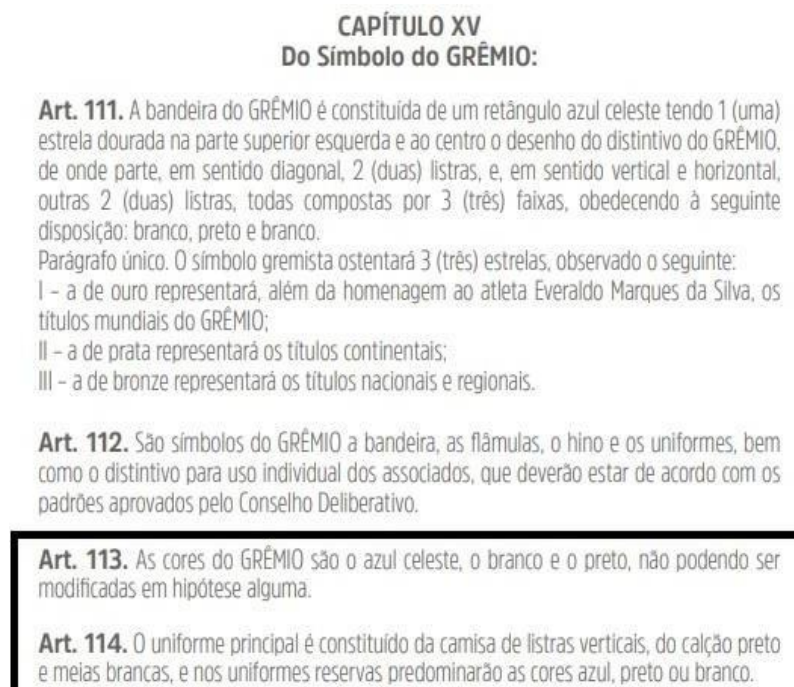
Apesar do primeiro slogan ser bem simples, apenas nas cores branco e azul, o uniforme possuía listras vermelhas, algo que atualmente não tem mais. Uma das teorias, escrita numa matéria publicada no ano de 2020, no site “Mantos do Futebol”, é de que Charles Miller era muito amigo de Cândido Mendes e teria lhe ajudado a escolher as cores e listras, com inspiração nos uniformes dos clubes da Inglaterra, além de influências germânicas, já que alguns dos criadores eram germânicos. Como é observável na imagem de acima, a bandeira do clube passou por vários processos de mudança até a versão criada em 1990, a qual permanece até os dias atuais.

Os detalhes de seu desenho variaram bastante até chegar à forma atual, definida em 1993. Desde a fundação, a palavra “Foot-Ball” ocupava o centro do logo, com a inicial “G” acima, e as iniciais “PA” abaixo. A alteração mais significativa foi definida no dia 3 de junho de 1963, data em que o Conselho Deliberativo aprovou a alteração do nome em destaque no centro para “Grêmio”; “1903” foi incluído na parte superior; e “FBPA”, abaixo .

As cores Azul e Branco sempre estiveram presentes, mudando apenas a tonalidade. A cor preta foi adicionada na segunda versão, no ano de 1920. Como explicado no site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, essa imagem (figura 1) mostra todos os processos de identidade do clube construída nas cores: celeste, preto e branco, que foram decretadas como

“Símbolos do Grêmio” em 1990, como mostra a figura 2:

Figura 2 – Do Símbolo do Grêmio.



Fonte: Mantos do Futebol (2019).

Após a criação da sua última logomarca, as cores não puderam mais ser alteradas. Tal decreto está documentado no “Capítulo XV – Do Símbolo do Grêmio” do Estatuto Social Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que, no ano de 2017, foi atualizado. Enquanto essa cláusula não for mudada, nenhuma alteração pode ser feita na imagem de sua marca.

A partir de informações retiradas do site oficial do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense, a escola de futebol desse clube foi criada no dia 6 de abril de 1969 como a primeira escola de futebol do Brasil. Nela, aceitam-se alunos na faixa etária de 5 aos 15 anos e lá aprendem teoria e prática acerca do futebol, além de postura comportamental e cidadania.

A sede do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense fica no Centro de Treinamentos Parque Cristal (CT Cristal), em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Atualmente, o Grêmio FBPA tem destaque nacional como um dos maiores clubes brasileiros, possuindo mais de 13 mil atletas distribuídos em 100 escolinhas conveniadas no Brasil e em outros países: Austrália, China, Japão e Estados Unidos. Em todas as escolinhas se viabiliza o acesso a meninos e meninas, seguindo o planejamento e as metodologias determinados pelo padrão da escola sede.

3.3 Conhecendo a escolinha Grêmio Maranhense¹³

A escolinha Grêmio Maranhense iniciou suas atividades em 28 de maio de 2012 e foi documentada oficialmente em 22 de junho de 2012. Ela chegou a São Luís com outro nome: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Era uma filial do famoso clube do estado do Rio Grande do Sul. Em 13 de Dezembro de 2013 seu perfil no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) foi criado com a nomenclatura: “Grêmio Maranhense Futebol Club”, mas como nessa época ainda era filiada ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, continuou usando do mesmo símbolo, bandeira, nome, formas de planejamento e metodologias do grupo gaúcho em seu trabalho, até 2020, ano em que finalmente se desvincilhou deste.

A justificativa do presidente/dono da escolinha foi por “sentir que não tinham apoio da mesma” – além do prejuízo financeiro, pois boa parte do lucro deveria ser para o pagamento do valor da franquia. Assim, o grupo resolveu romper a parceria com o GFP, ganhando autonomia e sua própria identidade como Grêmio Maranhense Futebol Club. Porém, as relações com o clube gaúcho permanecem bem amigáveis, tanto que o clube sulista é um dos que mais recebe jogadores do Grêmio Maranhense para compor sua base.

Em 2020 o Grêmio retirou o símbolo do clube Porto – Alegrense e adotou uma identidade própria, assumindo um CNPJ independente. Além da mudança do nome, o emblema, a bandeira e o uniforme também foram redesenhados – apesar de continuarem usando as cores: preto, azul e branco. O símbolo é um escudo com um Leão na cor preta ao centro e acima tem escrito: “Grêmio” e abaixo: “Maranhense”, como mostra a figura 3:

Figura 3 – Símbolo do Grêmio Maranhense Futebol Club.



Fonte: Site do Grêmio Maranhense.

¹³ Este tópico também está presente no relatório final escrito pela autora no ano de 2022 e entregue à Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

O Grêmio treina jogadores em duas modalidades: *Society*, que é o futebol de 7 esportistas, jogado em um campo menor; e, futebol, de 11. São mais de 300 alunos matriculados somando nas turmas de segunda a sexta-feira dos dois polos: um na chácara Brasil e o outro na arena Olynto, no bairro do Olho d'água. Esses jogadores são distribuídos por idade, o que define a categoria em que estão: desde o Sub 4 ao Sub 19. Também estão divididos em dois tipos de grupos: o Projeto-Escola e as Seleções.

O “Projeto – Escola” é a escolinha em si, que engloba todas as idades dos 4 (quatro) aos 19 anos, basta se inscrever. Os treinos acontecem às terças e sextas-feiras e cada jogador tem direito a, pelo menos, dois treinos de uma hora e meia cada, durante a semana, incluindo o direito de participar de algum campeonato organizado, que geralmente acontece aos sábados, pela própria escolinha e que pode ocorrer no campo da Chácara Brasil ou no outro polo, no bairro Olho d'água, que é de outro proprietário¹⁴, o qual aluga o espaço ao dono da escolinha por dois dias na semana. O clube também está com inscrições abertas para formação de turmas femininas, mas, pelo que observamos, essas não são tão divulgadas quanto as do masculino; no site da equipe, há apenas uma propaganda que divulga as equipes femininas.

As seleções seriam o que é conhecido no mundo do futebol como “peneiras”. De acordo com Lucas Monteiro (2011), “peneira” é um método utilizado pela maioria dos clubes de futebol no Brasil que estão em busca de novos talentos, em que todos os jogadores são observados e avaliados por categorias, incluindo a datas de nascimento, que são os “subs” (Sub 13, Sub 15, por exemplo), que dão, ao mesmo tempo, origem às subdivisões: mirim, infantil, infante – juvenil e juvenil.

Em conversa com o dono da escolinha, ele explicou o motivo pelo qual essas seleções¹⁵ são importantes no mundo do futebol:

[...] porque num time de futebol não se pode ter 10 Messi, tem que ter um Messi, um “carrapato” - que é um termo utilizado no futebol para se referir ao que tem mais força, que no caso é o “brigão”, tem que ter o mais habilidoso, mais rápido, outro que é melhor de cabeça, é um conjunto (Sr. Fernando, em entrevista realizada no dia 22/04/2022).

¹⁴ O proprietário do campo society onde o Grêmio Maranhense treina é o dono da FTD editora do polo de São Luís. Assim, o Sr. Fernando, paga uma mensalidade de mais ou menos R\$ 10 mil reais para fazer uso do espaço. E o polo do Olho D'água é de uma família chamada Olynto, que também aluga um campo Society para o uso do Grêmio, mas lá o valor é mais barato, porque eles o utilizam por menos tempo. Essas informações foram relatadas por um técnico que já trabalhou nessa escolinha e pelo Sr. José, um dos técnicos do Grêmio Maranhense).

¹⁵ 15 Essas seleções ou categorias de base treinam 3 (três) vezes na semana. As turmas são divididas por faixa etária, que vai dos 7 (sete) aos 19 anos, e cada turma está dividida com jogadores em idades próximas – Sub 7, sub 13.

No Grêmio Maranhense, essas peneiras são anunciadas quando os jogadores contam, em média, com 14 anos e já treinam na escolinha há muito tempo, que é quando se encontram mais maduros e passam por uma observação técnica durante muitos anos de treinos, sendo avaliados, ainda, como “os melhores”¹⁶. Após formadas essas seleções, esses jogadores formam a base e passam a representar o Grêmio em jogos oficiais e a disputar campeonatos. Essas seleções são feitas pelos técnicos da própria comissão, que acabam trabalhando como olheiros, incluindo o dono¹⁷, pois, contratar alguém de fora, acaba acarretando gastos excessivos para a escolinha, já que ela se responsabiliza em arcar com todos os custos de deslocamento, alimentação, hotel e transporte para o convidado e ainda assim não é certeza que esse avaliador leve algum jogador, pois esse ainda teria que se deslocar à sede do clube que o procura para lá fazer um teste.

Sendo assim, o Grêmio Maranhense prefere preparar o jogador em São Luís e entrar contato com os clubes interessados. Torna-se importante ressaltar que, de acordo com a narrativa do dono da escolinha e de alguns educadores físicos que trabalham/ trabalharam lá, “a escolinha não negocia seus jogadores”, ou seja, o Grêmio Maranhense não ganha nada quando encaminha jogadores a outros clubes¹⁸.

Pelo que soubemos por meio da conversa com o dono da escolinha e com outros educadores físicos/professores, o Grêmio Maranhense é uma escolinha privada e independente, que tem como proposta principal preparar jogadores. Essa escolinha possui mais ou menos 300 jogadores nos dois polos (Chácara Brasil e Olho d’água). A matrícula custa R\$ 240,00 reais, incluindo o fardamento, e as mensalidades se assentam no valor de R\$ 140,00. Um ponto interessante é que há uma pequena cota para bolsistas, algo em torno de 3% das vagas, mas tudo é conversado; a família precisa comprovar que não tem condições financeiras de pagar e o jovem necessita realizar alguns testes para mostrar seu potencial e se assim o demonstrar, a família só arca com os materiais necessários à prática do esporte.

O Grêmio Maranhense não tem vínculo com nenhum patrocinador até o presente momento, portanto, até os gastos de transporte, viagens, inscrições para participar dos

¹⁶ O entrevistado, o dono da escolinha, preferiu não chamar assim e disse que geralmente eles chamam os jogadores aos poucos e informando somente ao jogador e seus familiares, para que os outros, os não foram convocados, não se sintam inferiores.

¹⁷ Que é graduado em Educação Física pela União das Federações Europeias de Futebol-UEFA. Ele é natural de Portugal, país onde morou até sua vinda para o Brasil, em 2010. Trabalhou em alguns clubes no estado do Ceará antes de residir em São Luís e atuar em clubes como Sampaio Córrea e Moto Club, até abrir sua própria escolinha em 2012.

¹⁸ Essa informação foi revelada quando conversamos com os técnicos José e Jorge, além do dono da escolinha ter afirmado isso em algumas conversas que tivemos. Mas, fica o questionamento: será mesmo que a escolinha Grêmio não lucra pelos jogadores quando esses vão a outros clubes?

campeonatos precisam ser pagos pelos responsáveis, que, às vezes, em comunhão com a escolinha, organizam eventos como bingos, sorteios e rifas, a fim de arrecadar dinheiro para as famílias que não têm condições financeiras para tal investimento.

3.4 Sobre os técnicos

O Grêmio Maranhense funciona a partir do trabalho de quatro técnicos: 1) o presidente, empresário, dono da escolinha, Fernando, que é licenciado em Educação Física pela União das Federações Europeias de Futebol (UEFA). Ele é natural da cidade de Azambuja, distrito de Lisboa, Portugal, onde morou até vim trabalhar no Brasil, em 2010. Ele trabalhou no Ceará antes de residir em São Luís. Assim que chegou à capital maranhense, começou a trabalhar em clubes como “Moto Club” e Sampaio Côrrea antes de abrir sua própria escolinha em 2012; 2) o professor José, que atua no ramo do futebol há mais de 30 anos, tanto no treinamento de jogadores de futebol quanto como comentarista esportivo. Ele não é graduado em Educação Física ou esportiva, mas construiu seu nome no mercado de trabalho futebolístico do Maranhão, possuindo, assim, um “passe” de reconhecimento como técnico profissional, já tendo treinado e ganhado títulos em clubes como: Comerciário Futebol Clube, São Luís Futebol Clube, Iape Futebol Clube, Chapadinha Futebol Clube, Esporte Clube Viana, Axixá Esporte Clube e Grêmio Maranhense, onde atua desde 2013.

Além dos mencionados no parágrafo anterior, dois outros jovens professores integram a comissão técnica. Ambos são licenciados em educação física, mas, antes de se formarem, foram jogadores profissionais de futebol. Foi através desse meio que conheceram o Sr. Fernando. São eles: 3) Paulo Victor, profissional graduado em educação física, atualmente trabalha como treinador de futebol. Está há 3 (três) anos e meio atuando na escola do Grêmio maranhense, exercendo sua profissão em turmas que vão desde a iniciação (3, 4 anos), até as de dezenove (19) anos, ajudando nas partes técnica, física e tática.

O outro é 4) Jorge¹⁹, que tem 26 anos e é natural do Rio de Janeiro, mas desde os 2 (dois) anos mora em São Luís. Com 9 (nove) anos começou a jogar futebol na escolinha do Vasquinho, no bairro Barreto, através de um projeto social. Jogou e ganhou campeonatos Sub 13 e Sub 14. Aos 18 anos, treinando, machucou o tornozelo, e passou um tempo sem jogar.

¹⁹ Tentamos marcar várias vezes para conversarmos, mas o tempo dele é muito escasso, já que, além da escolinha Grêmio, onde atua como professor e coordenador, trabalha também em algumas escolas como professor de educação física, especificamente nos esportes futebol e futsal. As poucas informações que temos dele foram as enviadas por ele mesmo via Whatsapp. Pedimos que, pelo menos, falasse um pouco sobre sua experiência no ramo do futebol.

Nessa época, ele foi aprovado para um curso técnico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Perto de finalizar o curso, aos 19 anos, foi chamado para fazer teste no Moto Club e foi aprovado, mas ficou por pouco tempo, com a justificativa de que o clube só montou tal grupo porque queria subir de série. Desde então, resolveu investir nos estudos e em 2016 foi aprovado pelo Programa Universidade Para Todos (PROUNI) para uma bolsa de estudos em Educação Física em uma Faculdade de rede privada de São Luís. Quando estava no segundo período do curso, pediu um estágio na escolinha Grêmio Maranhense, uma vez que já conhecia o dono dessa escolinha – porque este já havia sido seu treinador no Moto Club. Atualmente, encontra-se nas funções de técnico do Sub-3/4 ao Sub-12 do Grêmio Maranhense e coordenador da escolinha. Além do futebol de campo, trabalha também com futsal, lecionando Educação Física em algumas escolas.

Desses quatro, entrevistamos três: o Sr. Fernando, o Sr. José e Paulo Victor. Porém, neste capítulo, enfocamos nos diálogos com o empresário Sr. Fernando (que foi descrito no tópico 2.2.1, explicando sobre a história da escolinha) e o professor Paulo Victor (no tópico 2.3.2), pois trouxeram informações que poderiam melhor corroborar com o tema desta dissertação.

3.4.1 A formação de jogadores de futebol na escolinha “Grêmio Maranhense”

Este tópico tem como objetivo trazer a discussão de como a escolinha Grêmio Maranhense tem trabalhado para a formação do jogador de futebol profissional, agindo também como uma “instituição disciplinadora, dotada de regras e normas” (RODRIGUES, 2004, p. 260), já que seus treinamentos têm como objetivo “colocar o atleta em forma”, aumentando o ritmo do jogador em campo, como explica o técnico Paulo Victor sobre a proposta da escolinha:

Trabalhamos com crianças de quatro até os dezenove anos. E nessa parte inicial dos quatro aos dez anos trabalhamos ali com a iniciação do futebol, com aprendizado do futebol do esporte, dentre outras coisas; e até mesmo ali com as coletas de alto nível de rendimento atletas que já visam sua carreira como jogador de futebol profissional, trabalhamos ali também com a parte técnica, a parte física e a parte tática de todos os atletas de alto rendimento (Paulo Victor, técnico do Grêmio Maranhense em entrevista concedida pelo zoom meetings, em maio de 2022).

Desse modo, “o esporte moderno pode ser considerado como instituição disciplinadora dos corpos” (RODRIGUES, 2004, p. 263), e, no caso do futebol, age como um tipo de “poder disciplinar” que regula e controla o modo como os jogadores devem moldar seus corpos, tendo

a “obrigação” de manterem constância, almejando bons resultados, já que o exercício de sua força de trabalho requer disciplina, melhoramentos técnicos e táticos em meio ao processo de produção física (ROGÉRIO, 2014).

Aproveitando o momento inicial da entrevista, no instante em que ele falou desses jogadores, que no processo de formação já vão demonstrando interesse em se tornarem profissionais, perguntamos como é que eles, enquanto técnicos/“olheiros”, avaliam e escolhem os possíveis jogadores em potencial, ao que o entrevistado respondeu:

Bom, na iniciação ali da criança no esporte futebol a gente já começa a observar que uns têm uma parte técnica mais apurada e mais avançada que outros, né? e a gente trabalha com todos, não só com esses, mas com todos, para que eles aprimorem ainda mais essa parte técnica, né? que são fundamentos do futebol e quando chega uma certa idade, a gente começa a observar ainda mais essa parte técnica sendo superior às outras, né? Tem atleta, que ele tem uma parte técnica muito superior aos outros, né? e isso acaba dando vantagem a ele durante o jogo, durante a partida, durante é com a sua equipe e *um dos critérios é essa parte técnica* e outros critérios que a gente observa juntando com essa, né, sua inteligência durante o jogo, sua “tomada de decisão” como a gente fala, né? O atleta de alto nível é um atleta que possivelmente pode chegar a um clube ou profissional, pois ele sempre vai ter uma tomada de decisão a mais correta possível. Então atletas que podem ter até uma técnica muito boa, né? Ser bastante habilidoso, porém, toma decisões muito erradas durante o jogo, né? Então é só atletas que ainda precisam aprender muita coisa ainda dentro do futebol, né, então uma das coisas que a gente avalia, né, é essa questão da parte técnica, né? É essa questão da parte de inteligência, né, se o garoto já consegue ter as movimentações corretas, né, ter o posicionamento correto e ter as tomadas de decisões corretas durante o jogo, então é um dos critérios que a gente tem para a gente conseguir avaliar com atleta e até conseguir mandar eles para algum outro clube, né? Como a gente, agora, recentemente a gente mandou dois atletas agora para o Sampaio, que eles fizeram parte do grupo e até jogaram todas as partidas da Copa São Paulo que teve recentemente agora, então bem, podemos dizer assim, que são critérios bem críticos, né? Infelizmente nem todos conseguem ter esse nível, esse complemento, um complementa o outro, parte técnica, parte da inteligência, parte física, para que a gente possa observar (Paulo Victor, técnico do Grêmio Maranhense em Entrevista concedida em janeiro de 2023).

À luz da reflexão de Rodrigues (2007, p.43-45), podemos pensar tal discurso a partir de como a sociedade, com os processos de industrialização, tem se tornado cada vez mais racionalizada e secularizada, como diriam Max Weber e Norbert Elias.

Enxergando o esporte como uma Instituição Social, por ser dotado de regras, normas e leis próprias e visto como segmento presente na dinâmica e cultura social (MURAD, 1995), ele pode acabar passando por procedimentos científicos de: 1) *quantificação*, que é quando os esportes passam a ser medidos por percentuais, como, por exemplo, número de passes, de gols, posse de bola; 2) *especialização*, recebendo influência da ciência na formação do

quadro de funcionários²⁰, que precisam continuar buscando conhecimento, almejando melhorar o rendimento dos atletas; e 3) *Estratégias e táticas formais e calculistas*, pois o jogador precisa aprender a ser racional dentro de campo.

O professor José narrou que, na escolinha, eles ensinam técnicas de como jogar para formar jogadores de sucesso e exemplificou alguns deles que foram jogar em campeonatos, conseguindo, com isso, ser vistos por olheiros²¹. Também, deu o exemplo de uma criança que chegou lá há pouco tempo, porém com um jeito – que ele chamou de *um vício* muito forte – de chutar com o pé para frente. Ele disse que tenta ensinar este garotinho a chutar de “peito de pé”, pois “de bico” é indicado apenas em casos de muita distância, como, por exemplo, em um tiro de meta ou do meio de campo. Ele também nos mostrou a bola usada para os treinos de todos os atletas, tanto na turma infantil como no pré-juvenil, que é um modelo utilizado da copa brasileira de 2014. Para ele, tudo isso são técnicas que geralmente são trabalhadas na formação de jogadores dentro das escolinhas de futebol, a fim de acostumar esses jogadores com as bolas que podem encontrar nas disputas dos campeonatos.

Então, quando os professores José e Paulo Victor falam de “aprimoramento de técnicas”, “inteligência de jogo” e melhoramento nas “tomadas de decisão”, podemos fazer a reflexão de como o esporte moderno tem se tornado cada vez mais racionalizado, técnico e metódico, até mesmo se levarmos em observação as metodologias explicadas acima pelo professor José, como, por exemplo, ao observar que um garoto chutava de uma forma e ele, em virtude disso, ensinou-lhe como chutar sem se machucar.

No instante em que foi questionado sobre o que mudou no que se refere à forma de jogar, tanto no aspecto da função dos jogadores como do uso da tecnologia em campo, assim como na forma de cuidar do corpo, a forma de trabalhar em campo e ao trabalho dos diversos clubes, ele disse que:

Hoje em dia a forma de se preparar está bem mais moderna, porque o futebol está mais dinâmico, mais rápido. Desde o goleiro ao atacante, todos precisam trabalhar de forma bem intensa, como podemos observar no campeonato europeu, que é um campeonato mais rápido, mais dinâmico e com mais intensidade (Paulo Victor, 2022).

²⁰ Isso lembra um momento da entrevista com o sr. Fernando, quando ele fala que em Portugal é obrigatório ter um curso de formação em alguma área do futebol se quiser atuar no ramo. E ele aproveitou o momento para fazer uma crítica ao modo como as coisas são feitas no Brasil: “basta entender de futebol ou ser um ex-futebolista para atuar na função de técnico. É por isso que os técnicos portugueses têm conquistado muitos campeonatos ao chegar no Brasil, porque não basta só saber jogar, tem que ter um conhecimento científico.” (Entrevista concedida no dia 22/04/2022).

²¹ Ele usou o termo vitrine – “jogadores na vitrine”.

A partir de Rodrigues (2003), podemos pensar como o futebol, no mundo moderno, por estar cada vez mais diversificado e produzindo competições altamente comercializadas e acirradas, tem buscado, paulatinamente, mais formas de preencher demandas criadas pelo próprio esporte, trabalhando os jogadores para estarem dispostos não somente para atuar em uma função, mas em todas que eles puderem, e, principalmente, em momentos decisivos. Assim, “ao lateral, é ensinado defender e atacar, cruzar e marcar. Ao centroavante, é cobrado que faça gols de chutes e cabeceios, bem como até mesmo contribuir com o meio campo na marcação.” (RODRIGUES, 2003, p. 2); e se, no exercício da função, eles não estiverem suficientemente preparados, podem perder seu lugar dentro de um clube.

Nesse sentido, como foi esboçado no tópico 3.1, no Maranhão ainda está em crescimento o número de escolinhas atuantes no treinamento e formação de jogadores, e, em sua maioria, são marcas de clubes popularmente conhecidos no cenário futebolístico brasileiro que abriram unidades no Estado.

Por isso, muitas iniciam seu trabalho como filiais, pois, como disse o entrevistado Paulo Victor: “é mais vantajoso e traz visibilidade ao mesmo instante em que é burocrático, porque têm coisas que o clube exige no modo de ensinar, além é claro, do valor de franquia a ser pago regularmente”. Com isso, explica que conforme vão conquistando seu espaço social, muitas escolinhas deixam de ser mais um polo de determinado clube popularmente conhecido e se tornam uma nova escolinha com identidade própria.

Dessa forma, aos poucos surgem escolinhas tipicamente maranhenses, como, por exemplo, a do clube ludovicense Sampaio Côrrea, que já está começando a formar seu futebol de base²², fenômeno que até pouco tempo era feito por escolinhas de renome nacional, que chegaram a São Luís ensinando sobre: técnica, conhecimento físico e forma física e táticas de jogo. A exemplo,

Aqui no Maranhão infelizmente a gente só tá tendo Sampaio, né, que tá tendo uma estrutura de base bem eficiente que *tá sendo agora, né?* Eu já fui atleta do Sampaio também. Na época que eu jogava, joguei ali no Sub-19 pelo Sampaio, então a estrutura antes não era tão boa pra base, né, eles priorizavam muito profissional e hoje é que eles estão priorizando a base, né, dando uma importância maior para essas categorias, né, então é o único clube, hoje, aqui dentro do Maranhão, que tá tendo esse cuidado e recrutando atletas de alto nível e até pensando neles no profissional, né? Os outros clubes, né? Moto, MAC, né? São garotos que vão lá avulso mesmo. Eles não têm essa questão de fazer peneiras ou de estar observando em outros grupos para trazer para eles, né? São atletas mesmo que vão até o clube e acabam ficando, né? Porque tem uma parte técnica, são bons jogadores, mas o Sampaio é um clube, hoje, aqui, dentro do Maranhão, que tá fazendo um trabalho

²² Como explicado no tópico 3.2.1, Base ou “Seleção” é a formação de um time que irá representar a referida agremiação em campeonatos, copinhas e torneios. É uma espécie de elenco ou “time principal”.

muito bom na base, né? A partir de 15 anos eles já estão começando a recrutar, eles já estão começando a avaliar e pegar esses atletas (Paulo Victor, 2023).

Algo observado durante a conversa com esse técnico, é que no Maranhão ainda há poucas escolinhas locais para formação de base. Usando das palavras de Rigo, Silva e Rial (2018), falta uma “reconfiguração nas políticas clubísticas que incide em melhor planejamento, maior empoderamento das categorias de base” (p. 272). É importante pensar isso porque, além da formação, as escolinhas agem também como “vitrines” de jogadores, gerando maior probabilidade de serem vistos por clubes.

Também precisa ser descrito que, nas categorias de base, há um limite de idade. Até determinada faixa etária²³, eles, os jogadores, precisam sair da fase “escolinha” e serem contratados na categoria de profissionais. Se enxergada a potencialidade do atleta, a escolinha faz a indicação e cuida de todo o processo de transferência.

Além do desenvolvimento técnico e tático trabalhado pelo Grêmio Maranhense, outro fator que ajuda é a rede de relações que interliga esse grupo com alguns clubes brasileiros, como: Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, Vasco da Gama, Atlético Mineiro e Sampaio Côrrea, permitindo uma maior probabilidade de contrato para os jogadores de mais destaque.

Os técnicos trabalham tanto na preparação quanto na avaliação do desenvolvimento do jogador em campo, como enfatiza Paulo Victor: “eu e o sr. Fernando, nós temos essa questão de observar nossos jogadores, nós temos feito algumas peneiras para que a gente possa colocar esses atletas em outros clubes *pra* que se possa dar oportunidades *pra* eles”. Por esse motivo que eles começam no projeto–escola e, conforme sejam avaliados positivamente, passam a compor a base que representará o grupo em campeonatos, como: Copa Maranhão, Campeonatos de Base – que são os jogadores do Sub 7 ao Sub 15, divididos em dois grupos: 1) do Sub 7 ao Sub 12, que só podem participar do Campeonato Maranhense no formato “Futebol de 7”, que também é conhecido pelo nome “Society”; e 2) a partir do Sub 12 e Sub 13 ao Sub 19, podendo disputar tanto o Society como “o futebol de Campo”, que é o popular Futebol de 11 jogadores. O Grêmio tem um grupo específico do Sub 17 e do Sub 19 para disputar o Campeonato Maranhense.

A ideia de uma formação de base dentro das escolinhas de formação de jogadores mostra como a competição é uma característica do fenômeno social chamado de “esporte moderno”, o que contribui na provocação de mudanças nas práticas esportivas,

²³ Os profissionais técnicos da escolinha narraram que, geralmente, até o Sub 19, os jogadores com grande potencial conseguem ser vistos por algum clube e, quando isso não acontece após atingirem os 20 anos, precisam tentar chamar a atenção de algum clube por conta própria.

principalmente, devido ao princípio de rendimento, típico da sociedade industrial incorporada ao esporte, exigindo de mais “autoridade, racionalidade, burocratização e organização técnica” (RODRIGUES, 2007, p. 46).

CAPÍTULO 4 – ORIGEM SOCIAL E TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASOS SOBRE OS JOGADORES DO GRÊMIO MARANHENSE E SUAS FAMÍLIAS

Neste capítulo, apresentamos a análise de alguns dados produzidos por meio das entrevistas com pais, mães e alguns jogadores do Grêmio Maranhense, objetivando apreender algumas propriedades sociais para melhor conhecer os agentes sociais no campo empírico. Buscamos, com isso, compreender as motivações que propiciaram que as famílias inserissem seus filhos na escolinha de futebol Grêmio Maranhense, levando em consideração o investimento econômico e social desses pais para com a educação dos filhos.

Em geral, as principais questões que buscávamos responder eram: quais os espaços e meios de socialização das famílias? Em quais instituições o filho ou seus filhos estudam? Quais as estratégias de reprodução social, através da escolha da escola ou da prática do futebol?

As perguntas foram diferenciadas para cada caso, servindo elas apenas de guia, podendo, assim, sofrer alterações de acordo com a conversa que estava acontecendo. Os questionários eram diferentes: um (1) para os educadores físicos, um (1) para os pais e um (1) para os jogadores. Os modelos estão anexados no final deste trabalho.

Ao todo, foram entrevistados cinco (5) jogadores, duas (2) mães, três (3) pais e três (3) professores, totalizando treze (13) entrevistados. As entrevistas foram realizadas no período de 24 de janeiro a 11 de maio de 2022, de forma presencial, na escolinha, e no dia 27 de maio de 2022 com o educador físico Paulo Victor, de forma online, pelo *Zoom Meetings*. Nesse tempo, houve dias em que não entrevistamos ninguém, porém, por outro lado, fizemos observações acerca do espaço e das pessoas que ali se adentravam para fazer algum tipo de esporte que não fosse o futebol – pois, como já foi descrito no início do trabalho, há também a prática de outros esportes, como: judô, natação e musculação e um pequeno *playground*.

4.1 Conhecendo as famílias e os jogadores

Abaixo há um quadro com características dos agentes sociais. É importante ressaltar, contudo, que é apenas uma amostra referente às 10 famílias entrevistadas.

Quadro 1 - Perfil social das famílias e jogadores entrevistados.

PADRÕES DE CARACTERÍSTICAS	JOGADORES PAGANTES	JOGADORES BOLSISTAS
Padrão de ingresso na carreira	Indicação recebida sobreessa escolinha Pedido do filho	Indicação dessa escolinha
Tipo de escola	Privada	Pública
Meio de transporte para ir aostreinos	Carro próprio ou carro de aplicativo	Ônibus
Faixa etária de ingresso nacarreira	Média de idade entre 6 e10 anos	5 anos (caso Paulo)
Inscrições culturais	Caso Fred	
Profissão dos ascendentes	Mãe Professora & pai Soldado aposentado; pai Farmacêutico & mãe Esteticista; pai feirante & mãe Doméstica; pai Empresário; mãe don pai carteiro e mãe médica Padrasto educador físico & mãe – assessora política	Mãe enfermeira e Pai Pedreiro Mãe dona de casa
Escolaridade dos ascendentes	Ensino Médio Completo e, em alguns casos, superior completo	Um caso de uma mãe com Ensino médio completo. Uma mãe enfermeira e o pai pedreiro
Localização dos bairros em que residem	Bairro de Fátima, Maranhão Novo, Chácara Brasil, Turu	Bairro de Fátima, Coroadinho
Perspectivas dos agentes dentro do esporte	Tornar-se um atleta de alto nível	Tornar-se um atleta dealto nível
Significado do esporte para os agentes	Esperança de um futuro melhor	Esperança de um futuro melhor

Fonte: Produção nossa, 2023.

O referido quadro tem como proposta situar os casos investigados a partir de propriedades sociais como: padrão de ingresso na carreira, que se remete à forma como tiveram acesso à referida escolinha – por exemplo, se foi a convite do dono, se foi indicação de pessoas próximas aos seus pais etc; tipo de escola, deslocamento, a faixa etária com a que começou a praticar o futebol dentro de uma escolinha, suas inscrições culturais, ou seja, se

fazem outro tipo de atividade extraescolar, como algum tipo de curso ou outro esporte, profissão e escolaridade dos pais, onde residem e qual o significado do esporte e suas perspectivas de futuro a partir ou para além dele.

A seguir, foi feita uma narrativa sobre alguns casos observados na escolinha Grêmio Maranhense, desde janeiro de 2022.

No dia 24 de janeiro, dia da primeira visita à escolinha, conseguimos conversar com a primeira interlocutora, a mãe de um jogador. Então, começamos perguntando sobre qual a profissão dela. Ela disse que tem 40 anos, é professora pedagoga concursada e vinculada à prefeitura de São Luís. Tem dois filhos, uma jovem de 22 anos, de um casamento anterior, e um menino de 13 anos²⁴, do relacionamento atual. O pai disse que não teve muita escolha, dado que entrou no exército aos 18 anos, seguindo os passos do seu pai e continuou até o final de sua vida profissional, sendo, hoje, soldado aposentado do exército. Henrique estuda em uma escola da rede privada chamada Educandário Sol, localizada nas proximidades do bairro Chácara Brasil

Importante ressaltar que o pai ficava em postura de observador enquanto ela respondia nossos questionamentos, porém, em alguns momentos, ele comentava algo²⁵. Começamos a perceber, em virtude disso, que ela falava frequentemente por eles dois. Quando finalizava suas frases, perguntava ao esposo: “né, amor?”, procurando sua aprovação, ao que ele respondia sorrindo e concordando. Logo a seguir, ele começou a repetir o que a esposa dizia, isto é, que o Henrique é muito organizado, disciplinado e focado para a idade dele.

O menino Henrique pediu para adentrar na escolinha, uma vez, no ano de 2019, quando estava com seus pais pelas redondezas. Nesse momento, avistou a escolinha e disse que o sonho da vida dele era algum dia ser jogador de futebol. A mãe perguntou se era o que ele queria mesmo e alguns dias depois foi visitar o centro e conversar com o dono. Desde então, o garoto faz parte da referida escolinha.

Quando perguntada sobre: “Qual o significado profissional e pessoal do seu filho/parente estar nessa profissão?”, a mãe disse: “O principal para mim é ver meu filho se sentindo bem fazendo o que gosta, que é jogar futebol. Ele já me disse que quer ser jogador de futebol e se essa for a escolha dele, tanto eu quanto o pai dele o apoiaremos.” (Mãe do Henrique durante entrevista em 24 de janeiro de 2022).

²⁴ Usaremos um nome fictício, Henrique, a fim de preservar a identidade do entrevistado.

²⁵ Quando eles já estavam próximo do horário de ir embora, o pai já estava até me perguntando onde eu moro e ao dizer que sou do bairro da Vila Embratel, ele disse que a filha dele (do primeiro casamento mora aqui e trabalha na fribal da feirinha deste bairro. Achei esse momento importante para ganhar um pouco mais de confiança da parte dele.

Algumas outras informações foram surgindo com fluidez, pois a entrevistada estava começando a se sentir bem à vontade comigo e eu com ela. Perguntei sobre os momentos de treino, lazer e socialização, ao que ela disse que: “os treinos dele são somente dois dias na semana, nos outros dias ele costuma fazer outras coisas, como, por exemplo, brincar com os coleguinhas do condomínio. O que é muito bom porque ele precisa desse tipo de vivência também.” (Mãe do Henrique, 2022). Todavia, a mãe disse haver percebido seu filho muito mais desenvolvido nesses últimos 3 anos, que foi quando começou a praticar esporte, até porque o futebol, como prática coletiva, necessita de coordenação em grupo.

E quando perguntada sobre se “imagina o filho como um jogador profissional?”, ela respondeu que imagina ele seguindo essa carreira, porque ele é muito focado e decidido, desde antes de entrar no Grêmio ele já falava muito em ser jogador de futebol. E continuou:

Ele leva muito a sério o esporte. Ainda mais depois que entrou aqui na escolinha. E ele é disciplinado, além de ser muito apaixonado por futebol. Então sempre está buscando estudar sobre como melhorar seu desempenho. Ele só vive assistindo dicas e coisas relacionadas ao futebol no *YouTube*. Ele é bem disciplinado não só para o esporte, mas para tudo. Até mesmo para não atrapalhar a escola, pois sabe que também precisa focar nos estudos. Então, ele gosta de se alimentar bem, não tem o costume de comer guloseimas por medo de ganhar peso, até na hora do lanche escolar, se eu boto cinco biscoitos, ele só come quatro e sempre volta um, e eu fico perguntando porque ele não comeu a última, ele disse que é porque só come quatro mesmo e ainda diz que boto de teimosia, porque sei que ele só come quatro - inclusive no início da pandemia, quando a escolinha fechou por causa do isolamento social, ele ganhou uns quilinhos e não gostou, então ele também é muito vaidoso, preocupado com a estética e com o rendimento dele para quando as aulas da escolinha voltassem - dorme cedo, estourando até às 22 horas ele está dormindo, que é pra acordar descansado, ir para a escola e quando chega, toma logo banho, almoça, descansa um pouco e faz suas lições da escola, sem a gente precisar mandar. Nunca recebemos reclamações da escola sobre mal comportamento, atraso ou por não usar fardamento. Desde o primeiro dia de aula ele gosta de ir fardado, eu até falo para ele que nos primeiros dias pode ir de roupa comum, mas não, ele gosta de andar seguindo as regras (Pedagoga, mãe do Henrique, 2022).

Percebe-se aqui que, para além do esporte, a criança também tem uma preocupação com o corpo, que, como Bourdieu disse em *La distinción* (1979), faz parte das práticas e gostos culturais que envolvem a apresentação de si, cuidados de beleza e consumo de alimentos (LE BRETON, 2007).

Quando perguntada sobre os campeonatos, quando ocorrem e quem arca com os custos, se a família ou a própria escolinha, ou algum patrocinador, ela disse: “O Henrique ainda não foi chamado para esses campeonatos, mas quando for, nós faremos questão de levá-lo e acompanhá-lo. Aqui, a escolinha não tem condições de arcar os jogadores, então, nesses

casos, é a família quem banca os custos.” (Mãe do Henrique durante entrevista em 24 de janeiro de 2022).

Além dessas 6 (seis) perguntas, outras foram surgindo, como, por exemplo, se ele já demonstrou interesse em fazer outra coisa, como um curso de idiomas ou se eles, os pais, já pensaram em colocá-lo em um cursinho de idiomas. A mãe respondeu que não, até mesmo para não o ocupar muito. Isso mudaria se Henrique fizesse algum pedido semelhante a esse e mostrasse logo a seguir que conseguiria conciliar tudo. Não obstante, ele nunca falou nada a respeito dessas outras atividades possíveis.

Depois da entrevista com a mãe, que só acabou quando o treino do garoto terminou, voltei a conversar com o técnico, que ganhou algum tempo de descanso. Perguntei a ele sobre esse jogador (o Henrique), ao que ele disse que ele é um bom menino, que chega sempre no horário, com todos os equipamentos dele²⁶, e é muito esforçado, tendo, não obstante, apenas um problema: “é bonzinho demais e tem jogador que se aproveita disso na hora de tomar a bola. Ele não tem malícia. Ele joga futebol de um jeito muito limpo, o que é bom, mas tem muito jogador agressivo e pode machucar ele só por pura maldade.” (Sr. José, responsável técnico, 2022).

À vista de Norbert Elias (1993), o futebol em si já possui um pouco de violência, por ser um jogo de contato e velocidade, mas isso deve ser feito de maneira controlada, se não o processo civilizador passa a ser comprometido e deixa de ser uma excitação prazerosa (ELIAS; DUNNING, 1985; RADAMÉS, 2014).

4.1.1 Caso: pai farmacêutico

No dia 11 de maio de 2022 conversamos com um farmacêutico, casado com uma esteticista, pais de 3 filhos: um rapaz de 22 anos, que na época estava finalizando o curso de Direito em uma faculdade privada, uma moça de 13 anos e o Luan, de 15 anos, que faz parte do Grêmio Maranhense desde o final de 2017. Dos filhos, somente o Luan está inserido em uma escolinha de futebol, porém, o de 9 anos, joga na escola, nas aulas de educação física.

Perguntamos qual o significado pessoal de ver seu filho no esporte e ele disse que sempre deu apoio e valoriza muito o esporte, principalmente porque o esporte faz parte da saúde, do bem-estar. Ele disse que se exercitava mais quando era solteiro, que jogava futebol,

²⁶ Abrimos esta nota porque nesse mesmo dia, no início do treino, o técnico José estava a chamar a atenção dois jogadores que chegaram um pouco atrasados e ainda esqueceram as caneleiras. Um deles, ainda, ria enquanto levava bronca. Por esse motivo ele, o técnico, fez essa comparação entre os jogadores.

mas só por lazer; não almejava ser um profissional. Até porque:

Também naquele tempo era mais difícil. Hoje em dia é mais fácil para esses meninos aí, né? Chegar a um time profissional tem várias escolinhas. Hoje em dia é só matricular nas escolinhas, que elas já encaminham se tiver qualidade, né? Já tem os olheiros aí interessados (Seu Marcos, Pai do Luan, em entrevista concedida dia 11/05/2022).

Aproveitei para perguntar se o filho já comentou em casa se ele quer mesmo seguir essa carreira, ao que ele não disse sim, nem não, apenas:

Eu sempre *incentivo ele* a sonhar, né? Mesmo que ele não tenha muita qualidade assim, eu sempre incentivo a sonhar como profissional. Mas, se nada der certo, incentivo ele a se engraçar pela área da saúde (Seu Marcos, Pai do Luan, em entrevista concedida dia 11/05/2022).

Nesse momento, eu percebi que seria essencial conversar com os pais e seus respectivos filhos. Porém, isso não foi possível, já que os pais que estavam presentes nos treinos chegavam no horário do treino, fazendo com que o filho só tivesse tempo de se organizar para o treino e, em seguida, ambos, pais e filhos, irem embora, como de fato aconteceu no caso citado aqui, neste tópico. Perguntamos ao pai, também, se após o treino o filho poderia conversar comigo, respondendo-me que isso, infelizmente, não seria possível, pois ele teria que voltar à farmácia onde trabalha, sendo o único intervalo disponível o deste momento, isto é, um intervalo curto. Sendo assim, após o treino, ele teria que deixar o filho em casa e voltar ao trabalho.

4.1.2. Caso do jogador Fred

A trajetória aqui em questão é a do menino Fred, que tinha 13 anos na época da entrevista²⁷. Ele é natural da cidade de São Luís e morador da Chácara Brasil, bairro pertencente ao Turu. Ele é filho de uma médica e um carteiro. Tem três irmãos, um de 32 anos, um de 10 anos que joga pela escolinha FLA e um de 4 anos, que também começou a jogar futebol – e os pais já estavam a comentar que ele entraria na escolinha Grêmio quando crescesse mais um pouco.

Ele joga futebol há 6 anos pela escolinha do Grêmio. Afirmou já ter jogado muitos campeonatos representando esse time, havendo conquistado 5 (cinco) dos 10 (dez)

²⁷ A entrevista aconteceu no dia 11 de maio de 2022.

campeonatos que disputou. Ele joga na posição de zagueiro. Entretanto, na época em que entrou, começou como atacante e só depois que se tornou zagueiro. Seus treinos na escolinha acontecem na segunda, quarta e quinta-feira, que são os dias em que ele vai à escolinha Grêmio; e às terças e sextas-feiras ele acorda às 5 da manhã e faz seu próprio treino na área de lazer do seu condomínio. Seu treino consiste em corridas e flexões de braço – práticas que acontecem antes de se arrumar para ir à escola –, além de natação, quando tem chance.

O discurso do garoto quando afirma se preocupar com seu corpo pode ser analisado a partir das obras *Vigiar e Punir* e *A Microfísica do Poder*, de Michel Foucault, bem como de Bourdieu (1990), em relação ao campo de poder sistematizado e estipulado dentro dos esportes, que não escapa da ordem pré-estabelecida pelas formações institucionais e sociais detidas sobre os corpos dos indivíduos.

A modalidade, enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (FOUCAULT, 2009, p. 133).

Desse modo, as atividades esportivas são elementos de reforço legitimados e de cunho disciplinadores, no intuito de fornecer suporte para os modelos de ensino/educação no âmbito nacional, já que são constituídas dessa maneira. Elas seguem também os mesmos requisitos e moldes do padrão pedagógico ancorados no país, sendo, assim, reproduções auxiliares da educação formal (FOUCAULT, 2009; BOURDIEU, 2004, 2019).

Quando perguntado sobre suas inspirações no futebol, ele disse:

Minha inspiração é o Messi. Um jogador de futebol que pra mim é o melhor da história. E as duas pessoas que eu mais me inspirei pra ser zagueiro *foi* o Sérgio Ramos e o Puyol. Eu vendo o que eles faziam e fiquei impressionado, aí eu quis ser zagueiro para fazer esse teste (Fred, 2022).

Aproveitei para perguntar se ele usa de algumas das características deles na sua forma de jogar:

Tipo, o modo dos 2 é que eu tenho é a força, o passe e a agilidade, agora, o chute deles, eu não tenho muito bem, assim. Agora, o cabeceio, o resto tudinho, eu tenho. Só o chute que eu não tenho. Além do que eu só chuto bem com umaperna, a direita (Fred, 2022).

Outra pergunta que fiz foi sobre a observação dele sobre a escolinha, isto é, a maneira em que a escolhinha agia com ele e com outros jovens:

A escolinha é boa, muito boa, aliás. Os professores são gente boa e ensinam bem como é que se joga. Eles também dão uma disciplina, né? O *cara* pode ser não muito comportado, mas eles te ajudam nisso. Os professores são muito tranquilos, mas claro que aqui nos nossos sub, se o cara chegar atrasado, eles botam para fazer uns abdominais (Fred, 2022).

Ele disse que, apesar de ser flamenguista, não se sentiu à vontade para querer fazer parte da escolinha FLA, onde treina – ou, pelo menos, até a época desta entrevista – seu irmão:

Já fui lá uma vez. Meu pai queria que eu fosse pra lá. Fui lá, fiz um teste para ver se eu ia gostar, mas eu não gostei muito, aí depois ele me mostrou o Grêmio e eu quis ficar aqui. Foi, tipo, meu irmão de 10 anos joga lá, aí fomos assistir ele e meu pai aproveitou pra me apresentar e eu não gostei muito (Fred, 2022).

Contudo, em caso de não dar certo no Grêmio, ele disse que vai tentar fazer testes pelo Sampaio Côrrea ou até mesmo pelo Flamengo: “Eu estou no Sub 13 e vou ver se até o Sub 18 eu consigo algo em algum time aqui. Aqui a maior chance de se virar um jogador é praticamente no Sampaio, que é do Maranhão, né? Mas se não der certo, eu vou ver se eu consigo, acho que pelo Flamengo.” (Fred, 2022).

Quando perguntado se foi incentivado a fazer parte de alguma escolinha, ele disse:

Não. Participar de escolinha eu já queria desde que comecei a jogar bola. Ninguém disse: “meu filho, *‘tu quer’* participar de escolinha? Não. Eu mesmo cheguei pro meu pai um dia e falei: “Ei, pai, me bota numa escolinha!” (Fred durante entrevista em 11 de maio de 2022).

E sobre o significado de estar nessa escolinha, ele disse que, mais do que a paixão por esse esporte, ele enxerga um futuro *pra* vida, porque muitas coisas subiram de preço e como a vida de hoje está cada vez mais complicada, almeja dar um futuro melhor para sua família através do esporte. Mas, acaso não o consiga como jogador, ele quer tentar a carreira de Policial Federal, porque “é uma profissão que precisaria de muita responsabilidade” e requer *autoridade e precisa de muita esperteza*, valores que valoriza e gosta muito (Fred, 2022).

Sobre a vida escolar, relatou que há um ano mudou de escola. Agora, estuda na escola ciranda do ABC, no mesmo bairro onde reside. Do jardim de infância ao 5º ano estudava na escola Educandário do Sol. Sobre isso, não soube responder as motivações por trás dessa

mudança de escola, já que ambas são próximas de sua casa. Quando perguntado sobre sua relação com a escola, disse que ainda estava se adaptando, tentando se enturmar com *a galera*.

Ele já frequentou um centro de reforço escolar, mas parou. Suas disciplinas favoritas são a matemática, o inglês e a história, e disse que seus pais cobram bastante para que ele consiga conciliar os estudos com os treinos e por isso se dedica para manter as notas boas, do contrário, pode ficar de castigo, sem fazer uso de celular e sem treinar futebol.

Ao perguntar sobre a escolaridade de seus avós, se eles cursaram o ensino médio, o entrevistado acabou respondendo uma das variáveis (BEAUD; WEBER, 2014): se além da escolinha de futebol e educação formal, havia investimento em outro tipo de educação ou socialização, ao que ele disse que estuda inglês na mesma instituição onde estudou seu avô e enfatizou que o tipo de conhecimento que este mais utiliza com ele é o da língua inglesa.

No artigo “No fio da Navalha: a nova classe média brasileira e sua opção pela escola particular”, de Maria Alice Nogueira (2013), há uma análise que proporciona a seguinte reflexão: no Brasil das últimas décadas, as pessoas têm conseguido ascender socialmente, melhorando a economia e diminuindo as desigualdades sociais. Tais fatores têm contribuído para o grande número de crianças e jovens que recebem dos pais e dos familiares investimento na sua formação escolar.

Os olhares de Neri (2011) e Nogueira (2013) explicam que, levando em consideração a questão da renda domiciliar, a faixa salarial entre R\$ 1.200,00 e R\$ 5.174,00 “essa dita ‘nova classe média’ passou de 32% da população brasileira em 1992 para 55% em 2011” (NOGUEIRA, 2013, p. 110). Isso implica dizer que não é possível considerar essas famílias como “Elite” enquanto classe social, mas que, dentro desse grupo social, são os que mais têm investido “seus estratos econômicos” na educação dos filhos.

Nesse sentido, foi exatamente isso que foi observado no campo, durante algumas entrevistas que realizamos com alguns pais de jogadores. A exemplo, o pai do jogador Zezinho²⁸, que disse não acreditar na qualidade do ensino de escolas públicas:

Vou te ser bem sincero: eu não acredito em escola pública. Acho o ensino muito fraco. Tem que ter muita força de vontade *pra* pessoa. Eu defendo muito a educação, é tão tal que eu invisto muito na educação dos meus filhos. Porque o investimento que eu vejo do Governo em relação ao esporte, ao lazer, às escolas, tudo muito fraco (Feirante, pai do Zezinho).

²⁸ Entrevista concedida dia 22/04/2022.

Nesse ponto, essas falas podem ser analisadas a partir de Nogueira (2013) e Jessé Souza (2010), que caracterizam esse grupo social como “batalhadores” que enxergam sua ascensão material baseada na poupança, na disciplina e no investimento de seus filhos. A classe social trabalhadora, às vezes, autoavalia-se como a “nova classe média” por se ver como uma consumidora crescente de privilégios que antes eram usufruídos apenas pelas classes média e alta.

Nesse caso, há a situação de um pai cuja profissão é feirante e investe o que pode na educação dos filhos. O jogador tem 15 anos e estuda numa grande escola da rede privada de São Luís, bem como seu outro irmão, de 9 anos; enquanto sua filha mais velha cursa odontologia em uma universidade privada e teve sua educação de base toda na mesma escola onde seus irmãos estudam atualmente²⁹.

Meus pais não tinham condição de colocar em uma escola boa. Estudei em escola pública a vida toda. Agora que posso investir, eu faço questão que meus filhos tenham uma boa educação. E eu quero que meu filho estude. Eu não acredito que dê certo esse negócio de carreira de futebol não. Sou muito pé no chão e não quero que meu filho se iluda com uma carreira que tem muito mais chances de não dar certo do que de dar certo, já que não é todo mundo que consegue sucesso profissional através do esporte (Feirante, pai do Zezinho).

No que se refere ao investimento no esporte, ele disse que esse esse capital foi inserido por um motivo essencial: pela erradicação do sedentarismo do filho na época do isolamento social:

Eu só coloquei meu filho nesta escolinha porque, na época da pandemia, ficamos muito tempo em casa e a mãe dele e eu resolvemos investir no esporte para ele se exercitar. Sem falar que ele gosta, ele sempre gostou de futebol e tem se dado bem aqui na escolinha. Percebo que ele está mais animado, até porque já fez muitas amizades aqui também (Feirante, pai do Zezinho, 2022).

É importante enfatizar que, em seu discurso, o pai fez uma retrospectiva de sua vida, complicada, em uma cidade pequena do Maranhão e que depois viajou a São Luís na tentativa de melhores condições de vida. Foi na capital maranhense que conheceu sua companheira, mãe dos seus 3 (três) filhos, que trabalha como doméstica. Eles moram no bairro chamado “Bairro de Fátima”. Ele ressalta que o lugar onde reside é pobre e sem muitas opções de escolinhas desportivas, até que um amigo indicou a escolinha Grêmio.

²⁹ Ou, pelo menos, estudava na época em que fizemos essa entrevista, no ano de 2022.

4.1.3 As famílias de baixa renda – O caso de um jogador bolsista

Como explicado no capítulo anterior, no Grêmio Maranhense há uma cota para bolsistas e nós conversamos com um deles, o Paulo³⁰, morador do bairro Coroadinho, bairro considerado como periférico da cidade de São Luís.

O entrevistado tem 13 anos e atua na posição de goleiro, estuda em uma escola pública, gosta de desenhar nas horas vagas. Ele disse que desde os 5 anos já jogava futebol, na posição de goleiro e está na escolinha há 2 anos. O pai trabalha como pedreiro e a mãe como enfermeira. Tem dois irmãos, o mais velho já tentou carreira de jogador, mas interrompeu depois que assumiu relacionamento aos 16 anos em que a companheira já tinha um filho, então ele passou a trabalhar em outra profissão; e o outro irmão, mais novo, de 11 anos, que há pouco tempo começou a jogar na escolinha FLA, no bairro Africanos e que também atua na função de goleiro³¹.

Perguntamos o motivo dos dois frequentarem escolinhas diferentes e ele respondeu que é porque, como o irmão mais novo estuda na escola Fundação Bradesco, em tempo integral, torna-se torna mais prático, devido à distância, que ele frequente a escolinha do FLA, enquanto o entrevistado estuda de manhã e tem a tarde livre para se deslocar à escolinha do Grêmio, para a qual chega depois de se locomover por meio de dois ônibus³².

Todavia, Paulo relatou que, caso não consiga sucesso na carreira de goleiro, tentará ser desenhista técnico da polícia civil³³. Não obstante, desde que começou jogar futebol, sente-se bem cumprindo a função de goleiro, ainda que haja um lado ruim: quando leva um gol, pois é sempre julgado como culpado, como péssimo; contudo, quando o time ganha, vira herói. Valendo-nos do sociólogo Radamés de Mesquita Rogério, em seu livro *O 2º tempo da vida do jogador de futebol* para analisar essas trajetórias, principalmente sob o olhar dos jovens jogadores, podemos observar como “o jogador de futebol é um personagem presente no imaginário social do brasileiro, ocupando espaços diversos, como: herói, ídolo, mito, líder, vilão, bode expiatório, mercenário, entre outros” (ROGÉRIO, 2021, p. 14).

³⁰ Nome fictício.

³¹ O entrevistado falou sorrindo que acha que o irmão se inspirou nele, pois ele jogava como atacante e depois mudou para goleiro

³² Aqui, gostaríamos de abrir um parêntese para fazer um paralelo com outro goleiro do Grêmio, o qual entrevistamos, que é branco, dos olhos azuis, filho e neto de gaúchos, e que, mesmo indo à escolinha sozinho, possui capital financeiro para se deslocar de Uber, o que mostra uma diferença social com alguns jogadores de famílias menos abastadas.

³³ O que nos fez refletir sobre isso, porque mais de um jogador relatou que, caso a profissão de jogador não dê certo, vão tentar a carreira policial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos pilares essenciais para a existência desta dissertação foi a construção do perfil social desses agentes através de questionários e entrevistas que consideraram as percepções de empresários do ramo³⁴, técnicos e jogadores, a fim de investigar os profissionais que trabalham em escolinhas desportivas, bem como os perfis sociais das famílias, o percurso escolar desses jovens – e até mesmo de seus familiares – e as atividades socioculturais das quais participam.

Usando Beaud e Weber (2014), fatores como: a origem social familiar – por meio da categoria socioprofissional dos pais e dos avós –, escolarização dos pais e avós, o percurso profissional, a socialização desses indivíduos nos ambientes escolar e residencial, bem como idade, diploma, nível de renda, número de filhos e outras “variáveis” também puderam ser erigidas e ajudaram a acessar aos princípios de visão e divisão em jogo naquela configuração específica (BOURDIEU, 2020).

Por isso foi feita uma investigação sobre as escolhas dos pais dos jovens, para apreender o ponto de vista dos agentes sociais responsáveis pelas escolhas dos estabelecimentos esportivos, entendendo, com isso, as razões por trás da inserção de seu filho em uma escolinha de futebol e especificamente na do Grêmio e não em outra, o que fez com que muitos relatassem as seguintes motivações: 1) indicação de amigos; 2) escolha do filho ou por proximidade; ou 3) porque descobriram a escolinha por um acaso, enquanto estavam em momentos de lazer próximo à localidade, como no caso do menino Henrique; ou 4) porque se ganhou bolsa – como no caso do goleiro Paulo.

Outras perguntas que também foram respondidas: 1) se o filho faz outras atividades extraescolares, os pais e mães responderam que não³⁵; 2) o que os pais pensam sobre o futuro do filho e sua relação com o futebol. De alguma forma, sobre isso, todos os pais entrevistados disseram que apoiam a atividade do filho, principalmente para incentivar a prática do exercício físico.

Porém, teve um pai que disse que incentiva muito o filho a buscar outros meios de subsistir, sobretudo o meio da faculdade, uma vez que ele não teve essa oportunidade e trabalha, em virtude disso, como feirante em um bairro próximo à escolinha. Ainda, disse ser “muito pé no chão” e não quer que o filho se iluda com uma carreira que tem muito mais

³⁴ No caso em questão, o exemplo seria o dono da escolinha.

³⁵ Contudo, teve um jogador que respondeu que faz curso de Inglês e na mesma instituição onde seu avô estudou, o que pode ser analisado como um tipo de reprodução do tipo de educação recebida por seus antecedentes.

chances de não dar certo do que de dar certo, já que não é todo o mundo que consegue sucesso profissional através do esporte. Nesse mesmo viés, outro pai disse acreditar no potencial do filho e da escolinha, mas que se essa carreira não der certo, ele gostaria de ver o garoto fazendo algum curso na área da saúde, dado que ele que é farmacêutico.

Diante disso, pode-se refletir que o sucesso profissional através da educação, mesmo como “plano b”, ainda é um dos meios de mudança da realidade social, principalmente para as pessoas pertencentes às classes menos abastadas e “a escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias revela-se, assim, como um fenômeno por meio do qual se pode observar, de forma bastante clara, o peso das desigualdades sociais na determinação das trajetórias escolares.” (RESENDE; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2011, p. 957), pois, mesmo com muito esforço, quem pode pagar uma boa escola para o filho, assim o faz.

Mediante as entrevistas com os agentes – tanto jogadores, como familiares e técnicos da escolinha –, foi possível fazer uma análise sobre os espaços escolares – em que tipo de escola estudam e qual a relação desses jovens com a escola, a fim de entender sobre suas interações, lugares sociais, tensões etc., como propõem Beaud e Weber (2014).

Assim, viabilizou-se a descoberta das motivações que levaram às famílias a escolherem a escolinha do Grêmio Maranhense. Sobre isso, muitas das respostas foram: 1) porque pessoas próximas já tinham indicado tal escolinha àquele jogador ou aos seus pais; ou 2) porque dava bolsa de estudo aos poucos jogadores de família sem condições de custeá-las. Nesse sentido, é possível pensar sobre as escolhas das famílias a partir de suas relações e posições sociais.

Dessa forma, Bourdieu (1996) explica que é necessário, primeiro, “construir o espaço social como estrutura de posições diferenciadas, definidas em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital”. (BOURDIEU, 1996, p. 29). E esse espaço social foi construído a partir do momento em que se notou a diferenciação de classes sociais dentro de um mesmo espaço e com o mesmo propósito: tornar-se jogador de futebol.

Percebeu-se, assim, que durante todos os casos investigados há a existência de vários perfis, como o de baixa classe: um caso onde a mãe podia pagar, mesmo com muito esforço e outro em que o jogador é bolsista devido ao seu talento; e filhos de: empresários, médica, farmacêutico, professora e soldado aposentado. Sendo assim, por mais diferentes que sejam esses níveis sociais, há algo em comum a todos eles: o investimento no esporte. O que muda é a motivação: seja por questão de saúde do filho, aprendizado, socialização e/ou porque se apoia o sonho do filho.

O uso de uma etnografia do espaço social e simbólico onde as famílias estão inseridas

foi uma das partes essenciais para chegarmos à análise dos espaços urbanos e dos agentes inseridos nessa escolinha de futebol em específico. Nessas conversas, foi possível descobrir em que bairro cada família entrevistada mora, em que profissão os pais atuam – e, assim, melhor traçar a linha social em que cada família se encontra – e o valor investido na mensalidade da escolinha, além do uniforme e acessórios necessários para sua prática.

Desse modo, pudemos perceber que, para alcançar o objeto foi importante compreender sobre as estratégias de escolarização, socialização, reprodução social e perspectivas de ascensão social dos jovens através do esporte ou apesar dele, considerando que possa ser apenas um meio de diversão, bem-estar e aprendizado (BOURDIEU, 1996). Apesar disso, estar em um ambiente como esse implica também em lidar com a possibilidade de tornar-se jogador de futebol profissional, se não, por que os pais não puseram seus filhos em outro ambiente, como, por exemplo, um clube? Por isso, inseri-los em uma escolinha de futebol, significa que se preocupam com a saúde deles, mas, também, revela a ideia de investimento na carreira de um atleta de sucesso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Luiza. **Cuju, o jogo chinês que deu origem ao futebol**. 360 meridianos, 2018. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cuju-origem-do-futebol-china>. Acesso em: 1 mar. 2021.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica de Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da ação. Tradução de Mariza Correa . Campinas, SP: Papirus. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral: Lutas de classificação (I)**. Petrópolis: Vozes, 2020.

CAMPEONATO Maranhense de Futebol. **Quadro de Medalhas**. Disponível em: <https://www.quadrodemedalhas.com/futebol/campeonato-maranhense/index.htm#>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CLUBES de Futebol do Maranhão. **Bola amarela**, 2023. Disponível em: <https://bolaamarelafc.com.br/clubes/clubes-do-brasil/maranhao/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

COELHO, José Hailton Costa. **Futebol e política no Brasil: bases de multinotabilidade e padrões de imbricação**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

COELHO, José H.C. **Futebol e Carreira Política: a trajetória de Sérgio Frota**. Projeto de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). São Luís. 2014.

CURIOSIDADES sobre as camisas do Grêmio. In: **Mantos do Futebol**, 2020. <https://mantosdofutebol.com.br/2020/09/curiosidades-camisas-gremio/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

DA SILVA, Sidney Barbosa; **História do Moto Club (MA)**. Campeões do futebol, 2008. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/moto_club_historia.html . Acesso em: 4 fev. 2023.

DORO, Bruno; SALDANHA, Marinho. **Ele é a história: Clube de futebol mais antigo**

Brasil sobrevive longe dos holofotes e sonha com retorno, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/clube-de-futebol-mais-antigo-do-brasil-rio-grande-sobrevive-longo-da-elite-e-busca-retorno/#page5>. Acesso em: 9 dez. 2022.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Editora: Difusora Editorial Lisboa - DIFEL. Memória e Sociedade, 1985.

ESCUDO. In: **Grêmio Foot-Ball Porto Alegre**. Disponível em: <https://gremio.net/conteudo/index/49#>. Acesso em: 31 jan. 2022.

ESTATUTO Social do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. **Gremio.net**, 2017. Disponível em: <https://gremio.net/governanca/documentos/estatuto-social-2017.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ESPECIAL “Como surgiu o futebol em São Luis” – Jornal O Imparcial, 1957. In: **Blog Futebol Maranhense**, 2013. Acesso em: 9 mai. 2022.

FEDERAÇÃO Maranhense de Futebol de 7 Society do Maranhão. Disponível em: <https://www.fut7ma.com.br/equipas.php>. Acesso em: 31 jan. 2023.

FERREIRA, Ana Leticia Padeski; MARCHI JUNIOR, Wanderley. A Constituição da Sociologia do Esporte no Brasil: uma análise do campo acadêmico e científico. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba (PR). 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GRÊMIO não pode jogar com camisas com cores diferentes do azul, preto e branco. **Mantos do futebol**, 2019. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2019/10/gremio-nao-pode-jogar-camisas-cores-diferentes-azul-preto-branco/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. Novos estudos sobre História operária. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KAWANAMI, Silvia. Kemari, o antigo futebol do Japão. In: **Japão em foco**, 2020. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/kemari-o-futebol-antigo-do-japao/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann; 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LEITURA de Jogo. **A Origem do Futebol**, 2019. Disponível em: <https://www.leituradejogo.com.br/a-origem-do-futebol/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

LUDOPÉDIO. Sinopse da obra: Cem Anos de Paixão. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/cem-anos-de-paixao/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

LUDOPÉDIO. Sinopse da obra: Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/passes-e-impasses/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Tradução Waltensir Dutra. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MONTEIRO, Lucas Cançado. **Critérios de avaliação utilizados por “olheiros” e observadores na seleção de talentos esportivos para o futebol no Brasil**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MURAD, Mauricio. O lugar teórico da Sociologia do Futebol. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 101-115, 1995.

O FUTEBOL antes da Inglaterra. **Universidade do Futebol**, 2007. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2007/08/02/o-futebol-antes-da-inglaterra/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

OLIVEIRA, Hilder Moraes de; *Et al.* A importância do esporte educacional em Manicoré no contexto das políticas públicas municipais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. n. 5, ed. 12, v. 17, p. 75-96, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/administracao/esporte-educacional>. Acesso em: 11 fev. 2023.

RIGO, Luiz Carlos; DA SILVA, Daniel Vidinha; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Formação de jogadores em um clube de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 263-274, 2018.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, corpo e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Revista Digital** - Buenos Aires, ano 8, n. 57, 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n° 11, p. 260-299, 2004.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006), 346 f. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – PGS/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, Francisco. **Futebol e teoria social**: introdução a uma sociologia do futebol brasileiro. Associação Brasileira de Antropologia. 23ª RBA - Reunião Brasileira de antropologia. Gramado. 2002. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/futebol-e->

teoria-social-introducao-a-uma-sociologia-do-futebol-brasileiro/. Acesso em: 20 dez. 2022.

RONDINELLI, Paula. “Grêmio”. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/educacao-fisica/gremio.htm>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SAMPAIO Corrêa. **Passo para o futuro. Primeira Escolinha do Sampaio é inaugurada no Parque Vitória**, 2018. Disponível em: <https://www.sampaiocorreafc.com.br/passos-para-o-futuro/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. O “futebol mulato” de Gilberto Freyre, 2018. In: **Ludopedio**. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/gilberto-freyre/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Por uma gênese do Campo da Sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010. Escola de Educação Física, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316043003>. Acesso em: 14 jan. 2023.

SOUZA, MARCHI JÚNIOR. Bourdieu e a sociologia do esporte - Contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 29, n. 2. Bourdieu e a sociologia do esporte, p. 243-286, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/kLDmwkKc35SmBvpKtSNtwG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2022.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. **História do Futebol Maranhense**. Parte 1. Adicionado em 01 Mar. 2009 - revisada em 12 Jan 2018.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. O Futebol em São Luís (Maranhão – Brasil): 1907 -1917. **Revista Digital Buenos Aires**, ano 9, n. 63, 2003. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd63/saoluis.htm>. Acesso em: 9 mai. 2022.

VIANNA, José Antonio. Projetos de Inclusão Social por meio do Esporte: localização e adesão. **Revista Digital Buenos Aires**, ano 18, n. 184, 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 14 mai. 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SITES DAS ESCOLINHAS

Escolas Conveniadas. Disponível em: <https://gremio.net/escola/conveniadas>. Acesso em: 19 jan. 2023.

Escola Cruzeiro Esporte Clube Soccer School. Disponível em: <https://www.cruzeiro.com.br/paginas/escolas-de-futebol-brasil>. E: <https://www.instagram.com/oficial.cruzeiroslz/> (Instagram). Acesso em: 31 jan. 2023.

Escola Flamengo. Unidades Maranhão. Disponível em: <https://www.escolinhafla.com.br/unidades/?uf=MA>. Acesso em: 31 jan. 2023.

Escola Furacão. Disponível em: <https://www.athletico.com.br/escola-furacao/> . E: <https://www.instagram.com/escolafuracaoslz/> (Instagram). Acesso em: 31 jan. 2023.

Grêmio Foot-Ball Porto Alegre Oficial. Disponível em: <https://gremio.net/home>. Acesso em: 8 jan. 2023.

Grêmio Maranhense. Disponível em: <https://www.gremiomaranhensefc.com/> . Acesso em: 15 mar. 2022.

Grêmio Ribamarense. Disponível em: <https://www.cbf7.com.br/federacao/FF7EM/equipes/gremioribamarense>. Acesso em: 15 mar. 2022.